

DANIEL DOS SANTOS LEITE

**DISCURSO MUDIÁTICO E COPA DO MUNDO: A
REPRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA
PELO *GLOBOESPORTE.COM***

VIÇOSA – MG

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO DA UFV

2010

DANIEL DOS SANTOS LEITE

**DISCURSO MUDIÁTICO E COPA DO MUNDO: A
REPRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA
PELO *GLOBOESPORTE.COM***

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

ORIENTADOR: Rony Petterson Gomes do Vale

CO-ORIENTADOR: Carlos Frederico de Brito d'Andréa

VIÇOSA – MG

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO DA UFV

2010



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Discurso midiático e Copa do Mundo: a representação da Seleção Brasileira pelo Globoesporte.com*, de autoria do estudante Daniel dos Santos Leite, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ms. Rony Petterson Gomes do Vale
Curso de Letras da UFV

Prof. Ms. Carlos Frederico de Brito d'Andréa
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Prof. Ms. Marcel Henrique Angelo
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Viçosa, 16 de novembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Pedro, que, através do rádio, da televisão e da presença em estádios, apresentou-me o futebol.

À minha mãe, Glória, que sempre deu suporte às minhas decisões, como a escolha pelo Jornalismo.

Ao orientador, Rony, que prontamente aceitou o desafio de me ensinar os princípios da Análise do Discurso e, portanto, viabilizou esta pesquisa.

Ao co-orientador, Carlos, que, ao longo do curso, sempre contribuiu ao meu aprendizado com palavras sensatas.

Aos professores que auxiliaram na construção da minha mentalidade. Os do curso de Jornalismo ou mesmo os de outros departamentos, a exemplo do grande Jeferson Boechat Soares.

Aos colegas do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, que muito me ajudaram a melhorar nos papéis de amigo, estudante e futuro profissional.

Aos companheiros de Rádio Universitária, que diariamente transformam trabalho em diversão produtiva.

RESUMO

Nosso trabalho nesta pesquisa é a captação dos juízos de valor no discurso do site *Globoesporte.com* na representação da Seleção Brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 2010. Verificamos de que forma a equipe é supervalorizada pelo portal, submetido à linha editorial das Organizações Globo, notadamente otimista em relação ao futebol nacional. Para tanto, utilizamos o aparato teórico e metodológico da linha francesa da Análise do Discurso, fundamentando-nos na Teoria Semiolinguística, de forma a atribuir caráter científico à apreensão da subjetividade. Delineamos, ainda, o perfil dos textos que compõem o *corpus* de análise e recorremos a postulados sobre questões fundamentais à compreensão do estudo, como as características do suporte (internet) e peculiaridades da imprensa esportiva. Em seguida, apresentamos as teorias sobre Análise do Discurso e Discurso midiático, não deixando de discutir conceitos importantes, como o contrato de informação midiática. A análise foi balizada pela adequação dos textos e das informações a que temos acesso aos pressupostos teóricos. Parece-nos óbvio que, pelo vínculo emocional com o país, a Seleção Brasileira recebe mais atenção do site. Mas de que maneira? Até que ponto? Este estudo esboça respostas a essas perguntas.

PALAVRAS-CHAVE

Copa do Mundo, Discurso midiático, Seleção Brasileira, Teoria Semiolinguística, Webjornalismo.

ABSTRACT

Our work in this research is to capture the value judgments in the discourse of the website *Globoesporte.com* on representing the Brazil National Football Team during the 2010 FIFA World Cup. We have checked how the team is overrated by the website, submitted to the editorial line of *Organizações Globo*, which is especially optimistic about the national football. We used the Discourse Analysis, basing ourselves on Semiolinguistic Theory, in order to give a scientific content to the subjectivity's understanding. We also outlined the profile of the texts that comprise the analysis *corpus* and resort to postulates on critical issues to study's comprehension, such as the medium's characteristics (Internet) and the sports press' peculiarities. Then we presented the assumptions about Discourse Analysis and Media discourse, discussing important concepts, such as the information contract. The analysis was based on the relation between the texts and the information we have access to and the theoretical assumptions. It seems obvious for us that, because of the emotional bond with the country, the Brazil National Football Team gets more attention from the website. But how? To what extent? This study outlines answers to these questions.

KEY WORDS

FIFA World Cup, Media discourse, Brazil National Football Team, Semiolinguistic Theory, Web Journalism.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 01 – Comparação entre notícia e reportagem	11
Figura 01 – Segundo nível de utilização da pirâmide invertida	16
Figura 02 – Esquema da encenação do ato de linguagem	23
Quadro 02 – Modos de organização do discurso.....	26
Quadro 03 – Associação das modalidades de asserção às modalidades elocutivas	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	10
1.1 – Gênero “pré-jogo”?.....	10
1.2 – <i>Globoesporte.com</i> e Copa do Mundo	17
1.3 – Subjetividade na imprensa esportiva	19
CAPÍTULO 2 – TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E DISCURSO MIDIÁTICO	22
1.1 – Teoria Semiolinguística	22
1.2 – Discurso midiático	28
CAPÍTULO 3 – O DISCURSO DE REPRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO <i>GLOBOESPORTE.COM</i>	32
3.1 – Dispositivos de análise	32
3.2 – A representação da Seleção Brasileira pelo <i>Globoesporte.com</i>	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
ANEXOS	58

INTRODUÇÃO

Durante uma Copa do Mundo de futebol, os caminhos pelos quais as publicações nacionais se pautam, o enfoque da cobertura e as minúcias de um texto jornalístico podem não dar à Seleção Brasileira apenas a preferência que seria natural por fatores geográficos e culturais. Mais do que isso, as variáveis em questão parecem elevar o futebol nacional a um patamar acima do realista. Ainda que tenha a mais vitoriosa das seleções, o Brasil deixou de vencer 14 das 19 Copas do Mundo já realizadas.

Apesar disso, qualquer resultado que não seja o título é habitualmente encarado como um fracasso. Isso acontece porque as expectativas em torno do desempenho brasileiro sempre são demasiadamente otimistas, e, assim, são criadas distorções de análise. Embora, com a popularização da transmissão de campeonatos internacionais, essa linha de raciocínio já seja disseminada de forma menos explícita, ainda parece existir no país certa tendência a “endeusar” nossos jogadores e subestimar a qualidade dos atletas estrangeiros.

À África do Sul, sede da Copa do Mundo de 2010, a Seleção Brasileira chegou sendo tratada como a favorita ao título pela mídia local. Apesar da incerteza quanto à qualidade do jogo praticado pelo conjunto treinado por Dunga, as conquistas prévias – a saber: Copa América de 2007, Copa das Confederações de 2009 e liderança nas Eliminatórias para a Copa do Mundo da Zona Sul-Americana – balizavam a tese. A equipe, que supostamente associava solidez na defesa a eficiência no ataque, tinha, para parte da crítica, a fórmula perfeita para dar o hexacampeonato mundial ao Brasil.

A campanha brasileira, porém, não atendeu a essas expectativas. Com a supracitada combinação entre solidez e eficiência, o Brasil sofreu para vencer a Coreia do Norte, conquistou um bom triunfo contra a Costa do Marfim e empatou sem gols com Portugal na primeira fase. Nas oitavas-de-final, a vitória segura contra o Chile reacendeu as esperanças de que a seleção poderia conquistar seu sexto título. Entretanto, nas quartas-de-final, quando pela primeira vez enfrentou um adversário forte sem o direito de falhar, o Brasil perdeu para a Holanda e foi eliminado, pela segunda vez consecutiva, nas quartas-de-final da Copa do Mundo.

Apenas por essas pistas, podemos verificar claramente a queda da noção de “imparcialidade” jornalística durante a cobertura de um campeonato mundial de futebol. Se alguns torcedores brasileiros nutrem a falsa ilusão de que vencer o mais importante dos

campeonatos é uma tarefa simples, ou pelo menos sempre acessível à seleção do país, isso talvez possa ser atribuído à forma como a Copa é “vendida” pela mídia.

Os aspectos destacáveis da representação¹ da Seleção Brasileira pela imprensa podem passar pelo mito de uma superioridade incondicional, que costuma qualificar a seleção brasileira como favorita em qualquer circunstância, e a negação do mérito do oponente, constantemente expresso em raciocínios como “o Brasil perdeu para ele mesmo”, após os fracassos em competições internacionais. Assim, parece haver certo mascaramento de fragilidades do Brasil, desprezo pelo adversário e excessivo otimismo quanto às chances de conquista da Seleção Brasileira.

Naturalmente, a avaliação dessas questões poderia ser feita em várias circunstâncias. Escolhemos a Copa do Mundo, mais especificamente a de 2010. Não apenas pela coincidência entre as datas da produção da monografia e da realização do torneio, mas especialmente pelo fato de essa competição, até por sua inegável importância, ser a que mais aflora sentimentos de patriotismo.

Admitindo a relevância do tema, este trabalho tratará da amplitude da influência do vínculo emocional com o país sobre a cobertura jornalística brasileira da Copa do Mundo de 2010. O suporte escolhido é o site *Globoesporte.com*, vinculado às Organizações Globo, de postura notadamente otimista em relação à Seleção Brasileira.

Nosso objetivo é captar, na prática, a linha de pensamento do site, através da análise do discurso de representação da Seleção Brasileira. Presumimos a presença, no discurso, de um apagamento das fragilidades da seleção nacional, uma tendência ao otimismo, de atribuição de favoritismo ao Brasil, além da exploração dos adversários de maneira a colocá-los em posição de inferioridade em relação à do futebol brasileiro.

Assim sendo, delinearemos no Capítulo 1 as características do *corpus* de análise, do gênero em que os textos se enquadram e do suporte pelo qual são veiculados. No Capítulo 2, disporemos os princípios da Análise do Discurso. Em seguida, no Capítulo 3, falaremos sobre os dispositivos de avaliação do material e faremos a análise propriamente dita.

¹ Charaudeau e Maingueneau (2006) distinguem os tipos de discursos sociais, incluindo o de representações: “aqueles que são construídos em torno de *acontecimento* [...], de um mesmo gênero [...], de representações (por exemplo, o tratamento da ‘juventude’ na mídia)” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 433)

1. APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Neste capítulo, apresentaremos o *corpus* de análise através da descrição dos elementos que o compõem. Para facilitar esse processo, vamos expor nosso objeto de estudo: o discurso² de representação da Seleção Brasileira promovido pelo site *Globoesporte.com* durante a Copa do Mundo de futebol de 2010. Esse objeto pode ser identificado em vários âmbitos. O contexto, o suporte, o gênero jornalístico e os textos propriamente ditos são os elementos a que temos acesso para identificar o teor desse discurso.

Assim, vamos descrever algumas noções que, vinculadas direta ou indiretamente a teorias do jornalismo, interessam-nos, a saber: as características dos textos que serão considerados neste trabalho, os gêneros de que fazem parte, as peculiaridades do conteúdo produzido para *Web*, o site *Globoesporte.com*, sua cobertura na Copa do Mundo e o caráter subjetivo da imprensa esportiva quando o assunto são as seleções nacionais.

1.1 Gênero “pré-jogo”?

Há vários meios através dos quais poderíamos analisar as estratégias discursivas³ do site para promover a representação da Seleção Brasileira. Escolhemos o que vamos chamar de “pré-jogo”⁴, uma espécie de síntese dos aspectos que envolvem uma partida que vai acontecer, com informações sobre as equipes que se enfrentarão. Como nosso objeto é o discurso de representação da Seleção Brasileira pelo *Globoesporte.com*, vamos utilizar para a análise, *a priori*, as cinco matérias que divulgam as informações sobre os jogos do Brasil na Copa de 2010: contra Coreia do Norte, Costa do Marfim, Portugal, Chile e Holanda.

² O conceito de “Discurso” será mais bem definido e explorado no Capítulo 2.

³ Charaudeau e Maingueneau (2006) trabalham o conceito, que será mais bem detalhado no Capítulo 2: “as estratégias dizem respeito ao modo como um sujeito (individual ou coletivo) é conduzido a escolher (de maneira consciente ou não) um certo número de operações languageiras” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 219)

⁴ Denominação *ad hoc*, apenas para facilitar o desenvolvimento deste trabalho.

No caso do *Globoesporte.com*, não existe uma página destinada exclusivamente aos textos do “pré-jogo”, que são dispostos na seção de notícias⁵. Assim, sem claras distinções hierárquicas⁶, o que diferencia o “pré-jogo” das outras matérias são os seus elementos internos, especialmente a organização e as características das informações.

Desta maneira, para melhor compreendermos os textos que servirão de material para a análise, é fundamental estabelecer associações entre eles e os gêneros jornalísticos. Em princípio, esse peculiar modo de transmitir informações se assemelha àquilo que seria chamado de reportagem. Para explorarmos essa noção, vamos utilizar o quadro mencionado por Pena (2008), que compara notícia e reportagem:

<i>NOTÍCIA</i>	<i>REPORTAGEM</i>
A notícia apura fatos	A reportagem lida com assuntos sobre fatos
A notícia tem como referência a imparcialidade	A reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação
A notícia opera em um movimento típico da indução (do particular para o geral)	A reportagem, com a dedução (do geral, que é o tema, para o particular – os fatos)
A notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais	A reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento; aprofunda
A notícia independe da intenção do veículo (apesar de não ser imune a ela)	A reportagem é produto da intenção de passar uma “visão” interpretativa
A notícia trabalha muito com o singular (ela se dedica a cada caso que ocorre)	A reportagem focaliza a repetição, a abrangência (transforma vários fatos em tema)
A notícia relata formal e secamente – a pretexto de comunicar com imparcialidade	A reportagem procura envolver, usar a criatividade como recurso para seduzir o receptor
A notícia tem pauta centrada no essencial que recompõe um acontecimento	A reportagem trabalha com pauta mais complexa, pois aponta para causas, contextos, consequências, novas fontes

Quadro 01 – Comparação entre notícia e reportagem, formulada pelo professor João de Deus, publicada em Pena (2008: 76)

⁵ As notícias de que falamos dizem respeito a aspectos que podem ou não fazer referência à partida analisada no “pré-jogo”. De qualquer maneira, elas não sintetizam as expectativas para o jogo, mas apenas tangenciam algum aspecto deste.

⁶ No *Globoesporte.com*, a única possível distinção hierárquica entre o “pré-jogo” e as outras matérias é a posição que ele ocupa na página inicial. Como a disposição não é fixa, o aspecto não diz respeito a este trabalho.

O “pré-jogo” está mais próximo da reportagem, de modo que assume papéis similares aos apresentados na segunda coluna. Ele não se restringe à apresentação de fatos, mas trabalha com assuntos que surgem a partir deles. O enfoque é variável. Por exemplo, em vez de “Brasil enfrenta o Chile pelas oitavas-de-final”, o título de uma das matérias que vamos utilizar na análise é “Brasil x Chile coloca Bravo [goleiro chileno] mais uma vez no caminho do carrasco Robinho”. A disposição das informações atende ainda ao terceiro item disposto no Quadro 01: primeiro, apresentam-se as considerações gerais; depois, os fatos específicos referentes às seleções.

Ademais, o “pré-jogo” é fundamentalmente interpretativo, uma vez que o suporte (neste caso, o *Globoesporte.com*) tem um grande espaço de manobra para moldar o teor das matérias, ao contrário do que acontece em textos prioritariamente noticiosos. Por fim, é preciso considerar o caráter “sedutor”⁷ do “pré-jogo”, que, pensando no quadro comparativo apresentado, aproxima-se do de uma reportagem.

Ainda assim, entendemos que essa associação do “pré-jogo” à reportagem trata-se apenas de um estabelecimento de similaridades entre eles. Não queremos, portanto, ser taxativos quanto a essa classificação. Para avançar na discussão, vamos recorrer a outros pressupostos.

De acordo com Maingueneau (2002), o estabelecimento de um gênero depende de algumas condições uníssonas entre os textos, tais como organização textual, finalidade, periodicidade e duração de validade presumida.

A organização textual de um “pré-jogo”, ao menos no que se refere àqueles publicados pelo *Globoesporte.com*, é quase sempre a mesma em linhas gerais. A sequência proposta se inicia, naturalmente, com título e subtítulo. Eles são complementares e fundamentalmente informativos. O texto é, então, aberto com algumas considerações gerais, dispostas em linguagem livre⁸, por assim dizer. Em seguida, é apresentado um quadro⁹ com todas as informações básicas sobre a partida em questão: escalações, histórico do confronto, emissoras

⁷ A título de ilustração, retomemos o exemplo do texto publicado antes de Brasil x Chile, mais especificamente as suas primeiras linhas: “Bravo. O goleiro do Chile tem nome de colocar medo nos adversários, mas não na seleção brasileira”.

⁸ Embora atenda ao *lead* (estrutura clássica do primeiro parágrafo em um texto jornalístico), o início do texto não se limita a fornecer informações objetivas sobre o jogo (como adversário, horário, local).

⁹ O quadro de referência, retirado do pré-jogo do *Globoesporte.com* para Brasil x Coreia do Norte, primeiro jogo da Seleção Brasileira na Copa, encontra-se, a título de exemplo, no Anexo 1.

que vão transmiti-la¹⁰, disposições táticas, trio de arbitragem e, finalmente, jogadores em destaque.

Na sequência, são dispostas informações mais específicas, referentes aos últimos treinamentos, possíveis desfalques, bem como outros elementos que permitem ao leitor uma compreensão do contexto em que será jogada a partida. Vale frisar que, em um primeiro momento, essas colocações são concernentes à Seleção Brasileira. Em seguida, geralmente sob um novo intertítulo, o leitor do “pré-jogo” pode saber mais sobre o adversário.

Quanto à finalidade, podemos associar o termo ao conceito de contrato de comunicação, sobre o qual dissertaremos adiante. Contudo, é prudente já pensar sobre o que diz Maingueneau (2002):

Um jornalista assume o contrato implicado pelo gênero de discurso do qual participa; um *fait divers*, por exemplo, deve ser verídico (relatar somente a verdade), apresentar um tema adequado ao *fait divers* (um incêndio em um celeiro e não um acontecimento político), conter todas as informações necessárias à compreensão (cf. os famosos “quem?”, “quando?”, “onde?”) [...], não pressupor quaisquer saberes que não sejam os de seu leitor-modelo [...] etc. De forma recíproca, é natural que o leitor de um *fait divers* espere que sejam respeitadas essas normas que correspondem às suas expectativas em relação ao gênero, e não poderá avaliar negativamente o texto se elas forem respeitadas (MAINGUENEAU, 2002, p. 69)

Evidentemente, o exemplo dos *fait divers* nada tem a ver com o gênero de que falamos, mas é especialmente válido para entendermos o processo da finalidade. Pressupomos que o internauta, quando se propõe a ler um “pré-jogo”, tem determinadas expectativas que devem ser atendidas pelo texto. O conteúdo tem de ser confiável, com informações precisas sobre as equipes no que concerne a últimas partidas, prováveis escalações e treinamentos preparatórios. Assim, o texto assume missões específicas, que, nestes moldes, não cabem a nenhuma outra matéria do site.

Os outros dois aspectos para a concepção de um gênero citados por Maingueneau (2002), a periodicidade e a duração de validade presumida, manifestam-se de modo óbvio no “pré-jogo”. Quanto ao primeiro, naturalmente não há uma periodicidade rígida se pensarmos meramente na cronologia. Contudo, restringindo nosso interesse à jornada brasileira na Copa do Mundo, podemos dizer que esses textos apareciam, sistematicamente, momentos antes do jogo.

¹⁰ Obviamente, apenas as das Organizações Globo, a saber: TV Globo e SporTV.

No tocante à duração de validade presumida, entendemos que seu limite é o começo do jogo, visto que, durante ele, o site sempre acompanha as ações em tempo real; após o término, um texto que repercute os principais fatos ocorridos durante os 90 minutos é prontamente publicado. É evidente que as informações permanecerão à disposição do internauta mesmo após a partida, mas, para fins jornalísticos, consideramos, assim, que sua validade se restringe a algumas horas.

Além de discutirmos elementos internos do texto, é preciso um entendimento sobre a influência que o suporte exerce nesse processo. Ao dissertar sobre a transposição de determinado texto para o ambiente *on-line*, Vale (2007) considera que o processo consiste em uma evolução, mas não exatamente na concepção de um gênero independente de seus precedentes:

[...] Os gêneros em ambiente virtual passam por fases de evolução, ou seja, primeiramente sofrem uma transposição para o novo meio, entrando num processo de adaptação, logo depois, eles começam a mutar devido aos avanços tecnológicos proporcionados pela evolução dos computadores e softwares. Isso nos leva a concluir que os gêneros, principalmente no meio virtual, quando chegarem a se tornar um novo gênero, terão quase sempre uma relação de hereditariedade com o gênero precedente. Portanto, preferimos pensar em instantes de evolução e não propriamente [...] em novos gêneros (VALE, 2007, p. 35)

Posto isso, faz-se necessário um percurso das discussões sobre as peculiaridades do texto para internet em relação a outros suportes. A intenção é estabelecer alguns pressupostos que nos auxiliarão no processo de compreensão das matérias que vamos analisar. Para tanto, vamos considerar o que diz Franco (2009).

Segundo o autor, o primeiro “obstáculo” enfrentado pelo jornalista na internet é o perfil peculiar de seus consumidores, visto que “as pessoas não buscam ler grandes quantidades de texto na tela por conta de sua baixa resolução, que torna a leitura cerca de 25% mais lenta¹¹” (FRANCO, 2009, p. 36). Assim, mais da metade dos leitores¹² de textos *on-line* passa à condição de escaneadores, aqueles que não capturam palavra por palavra (FRANCO, 2009, p. 38).

Desta forma, “o conteúdo da Web precisa dar suporte a ambos os aspectos do acesso à informação: busca e consumo. Os textos precisam ser escaneáveis, mas também devem dar as respostas que o usuário busca” (FRANCO, 2009, p. 39). Interpretamos, assim, que o texto

¹¹ Conclusões a partir do EyeTrack07, estudo realizado pelo Poynter Institute, centro de pesquisa e educação em jornalismo com sede na Flórida (Estados Unidos), com leitores de textos cibernéticos.

¹² O EyeTrack07 dividiu os leitores de internet em dois grupos: os escaneadores (53%) e os metódicos (47%).

precisa lidar com uma espécie de negociação, de modo que atenda às expectativas de seu público no que se refere à quantidade de informações, mas também ofereça a possibilidade de uma leitura mais rápida.

Nesse sentido, embora a generalização seja imprópria para esta discussão, quase todos os estudos sugerem ao jornalista a construção de matérias mais curtas. “A recomendação foi reforçada por pesquisas como a EyeTrack III¹³, segundo a qual as matérias curtas eram três vezes mais vistas que as longas” (FRANCO, 2009, p. 64).

Pensando sobre os textos que constituem o *corpus* de análise, podemos dizer que são grandes para os padrões da internet. Precisando divulgar todas as informações sobre o jogo, a maioria deles se aproxima de 1000 palavras. Assim, para não escaparem à lógica do ambiente *on-line*, quatro dos cinco textos que, *a priori*, compõem o *corpus* lançam mão de um recurso facilitador da leitura: os intertítulos, que servem para romper a uniformidade do texto.

Nesse sentido, Franco (2009) faz algumas recomendações ao jornalista de internet. É interessante fazer a divisão do texto em assuntos, bem como a identificação de cada um deles com um intertítulo. Este deve aparecer como uma frase, com sentido completo. Afinal, o leitor tende a selecionar os intertítulos que lhe interessam, dando atenção somente aos parágrafos referentes ao conteúdo que ele procura no texto (FRANCO, 2009, p. 121).

Avaliando a hierarquia entre as informações, podemos dizer que nosso material de análise se aproxima do segundo nível de utilização da pirâmide invertida. Não se trata do clássico esquema do jornalismo que propõe a disposição dos fatos mais relevantes no primeiro parágrafo. As informações que aparecem ao fim do texto não são menos importantes, apenas mais específicas.

Assim, Franco (2009) considera que o produtor do texto pode realizar “o exercício de hierarquização e classificação [...] do texto. A partir do assunto principal, exposto no primeiro parágrafo, ele define subtemas que são apresentados ou introduzidos por intertítulos dentro da mesma página” (FRANCO, 2009, p. 58). A lógica se enquadra no que o autor chama de “segundo nível de utilização da pirâmide invertida”. A título de ilustração, temos a seguinte representação:

¹³ Pesquisa realizada também pelo Poynter Institute, em associação com o Estlow Center for Journalism & New Media e a empresa Eyetools.

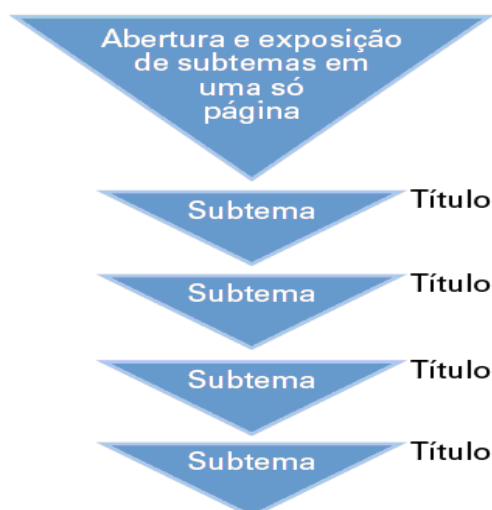


Figura 01 – Segundo nível de utilização da pirâmide invertida, por Franco (2009: 59)

Contudo, devemos fazer algumas ressalvas. No caso do “pré-jogo”, os subtemas são intimamente interligados, visto que todos convergem a um tópico mais amplo: o jogo de que se fala. Ademais, a divisão por intertítulos, que simboliza essa pluralidade temática, nem sempre se faz necessária à exploração de novos subtemas, de maneira que as quebras no texto podem ser realizadas apenas por mecanismos de linguagem¹⁴.

Outro recurso interessante é a brevidade dos parágrafos, visto que, quando curtos, eles “facilitam o escaneamento ou leitura diagonal e a obtenção da informação procurada” (FRANCO, 2009, p. 151). Vale frisar, entretanto, que a quebra de parágrafos deve ser feita de modo lógico, sem que o raciocínio seja forçosamente cortado por conta de uma melhora meramente estética. (FRANCO, 2009, p. 151).

Não caberá a nós adentrar a discussão sobre outras potenciais especificidades do texto para internet. Embora as infinitas possibilidades de navegação sejam inerentes ao ambiente *on-line*, os textos que vamos utilizar não têm como uma de suas principais propriedades o fornecimento de *links* com assuntos correlatos aos trabalhados na matéria.

Retomando o que já dissemos neste capítulo e pensando sobre a uniformidade das características básicas dos textos que vamos utilizar na análise, a influência do suporte e as peculiaridades na escrita para internet, consideraremos, *ad hoc*¹⁵, o “pré-jogo” como um

¹⁴ O autor do texto pode recorrer, por exemplo, a conectivos que manifestem oposição entre ideias, tais como “por outro lado”, “entretanto” etc.

¹⁵ O gênero “pré-jogo” será assim chamado apenas para fins restritos a este trabalho.

gênero. Nossa intenção, portanto, não é elevar o “pré-jogo” a esse patamar de modo definitivo, mas reconhecer suas especificidades estruturais e de finalidade para conduzir a análise de maneira mais bem embasada.

1.2 *Globoesporte.com* e Copa do Mundo

O *Globoesporte.com* é considerado uma referência no âmbito do jornalismo esportivo. Versão cibernética do Globo Esporte, telejornal diário da Rede Globo que acompanha os principais acontecimentos esportivos, o site apresenta conteúdo mais abrangente do que o exibido na televisão. O *Globoesporte.com* não negligencia nenhum esporte, mas atribui preferência ao futebol.

Atualmente, o site conta com sete seções sob o título “futebol nacional” (Brasileirão – Série A, Brasileirão – Série B, Brasileirão – Série C, Copa do Brasil, Copa Sul-Americana, Seleção Brasileira e Taça Libertadores) e 14 sob “futebol internacional” (alemão, argentino, espanhol, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, português, russo, turco, ucraniano, Liga dos Campeões e Liga Europa). Além dessas seções, o *Globoesporte.com* disponibiliza quarenta páginas dedicadas às equipes das séries A e B do Campeonato Brasileiro, uma para cada clube.

Desta forma, o site se revela, considerando a quantidade de informações veiculadas ligadas ao futebol, um importante suporte no ramo futebolístico vinculado às Organizações Globo. É fundamental a compreensão do que isso significa. Não estamos falando de um portal cuja linha editorial seja independente. Portanto, para efeito de comparação, o *Globoesporte.com* ocupa o mesmo patamar de sites como o *ESPN.com.br*, o *R7 Esportes* e o *eBand Esporte*¹⁶, visto que estes também estão ligados a grupos de comunicação que atuam em várias outras vertentes e com posicionamentos pré-definidos sobre os mais diversos assuntos.

Por isso, é importante interpretar, através de exemplos, a linha editorial das organizações Globo no que se refere ao futebol internacional. Durante a publicidade de divulgação de sua programação em 2010¹⁷, logo nos primeiros meses do ano, a TV Globo não

¹⁶ <http://www.espn.com.br>, <http://www.r7.com/esportes> e <http://www.band.com.br/esporte>, ligados, respectivamente, a ESPN Brasil, Record e Bandeirantes.

¹⁷ Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=S5EA-8JBxcs&feature=related>

hesitou em proclamar: “Nessa Copa vai dar Brasil!”. Seu canal esportivo de televisão por assinatura, o SporTV, no comercial¹⁸ em que anunciava sua cobertura para a Copa, apresentou vários elementos referentes ao Brasil, como um ônibus amarelo com a logomarca da emissora e, ao fim, a mesma logomarca pintada com as cores verde e amarela. Esses elementos nos permitem concluir que a postura do grupo é habitualmente otimista e favorável em relação à Seleção Brasileira. Ainda que, evidentemente, o âmbito jornalístico não esteja completamente enquadrado no comercial.

O acompanhamento da Copa do Mundo de 2010 pelo *Globoesporte.com* pode ser qualificado como pormenorizado. O site destinou uma página a cada seleção participante, disponibilizando todas as matérias publicadas que estivessem direta ou indiretamente ligadas à equipe em questão. Naturalmente, a Seleção Brasileira recebeu atenção especial, de modo que as atualizações das informações eram mais frequentes, e as pautas, mais diversificadas.

Para entendermos a evolução dessa cobertura, vamos recapitular a campanha da Seleção Brasileira na Copa. A equipe chegou até as quartas-de-final, quando perdeu por 2 a 1 para a Holanda e foi eliminada. Antes disso, acumulou, na primeira fase, vitórias contra Coreia do Norte por 2 a 1 e Costa do Marfim por 3 a 1, além de um empate por 0 a 0 diante de Portugal. Nas oitavas-de-final, o Brasil derrotou o Chile por 3 a 0. A partir disso, para justificar o material de análise escolhido, podemos falar, *ad hoc*, em ciclos¹⁹.

Se a duração de validade presumida de um “pré-jogo” é relativamente curta, o tempo que ele representa já não pode ser avaliado desta forma. O texto é, implícita ou explicitamente, carregado de elementos concernentes ao último jogo. Assim, é possível dizer que cada “pré-jogo” remete a um ciclo. Pensando sobre a Seleção Brasileira na Copa, então, houve seis ciclos. Por exemplo, a prévia de Brasil x Chile não pode ser estritamente encarada como uma referência a essa partida, uma vez que, para efeitos de análise, traz consigo uma carga de repercussão de Brasil x Portugal, a partida anterior. A partir disso, podemos identificar facilmente os seis períodos:

- 1) Antes da estreia, contra a Coreia do Norte
- 2) Da estreia ao segundo jogo, diante da Costa do Marfim
- 3) Da segunda partida ao terceiro desafio, contra Portugal

¹⁸ Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=p4X-ErY7nFc>

¹⁹ O estabelecimento desses ciclos é adequado apenas a este trabalho.

- 4) Do terceiro jogo à oitava-de-final, diante do Chile
- 5) Da oitava à quarta-de-final, contra a Holanda
- 6) Após a eliminação

Nosso *corpus* de análise, como já foi dito, é fundamentalmente formado por textos do gênero “pré-jogo”. Entretanto, consideramos interessante acrescentar a ele o texto publicado logo após a eliminação, que, seguindo a lógica estabelecida para o “pré-jogo”, denominaremos “pós-jogo”. A intenção é verificar o discurso utilizado pelo *Globoesporte.com* para representar a Seleção Brasileira em todos os ciclos descritos acima e, especialmente, numa situação adversa, a da eliminação.

O “pós-jogo” tem estrutura mais simples do que a do “pré-jogo”, posto que sua tarefa fica praticamente limitada à repercussão do que aconteceu na partida. Nesse gênero, contam-se histórias, que, geralmente, seguem ordem cronológica. Há alguns desdobramentos, como declarações de personagens do jogo, mas os aspectos predominantes são a narração e a descrição dos acontecimentos do jogo de futebol. Até por isso, o site lança mão de recursos como inúmeros vídeos e fotos, elementos raros quando tratamos do “pré-jogo”.

1.3 Subjetividade na imprensa esportiva

O esportivo, como os outros segmentos do jornalismo, pode apresentar certa carga de subjetividade. A conduta dos profissionais atuantes nessa área, por sinal, costuma ser uma das mais polêmicas da classe. Sentimentos como bairrismo e patriotismo, além da natural paixão por determinado clube, fazem com que os textos sejam muito contestados, tachados de frutos de convicções pessoais (e passionais) dos repórteres. Assim, a pressuposição de imparcialidade (sempre utópica) não é tão válida para o jornalismo esportivo quanto para outros domínios do jornalismo.

Neste trabalho, entra em cena a discussão sobre o papel que o futebol exerce no processo de incremento a valores nacionalistas. Devemos lembrar que essa modalidade esportiva tem o domínio histórico do Brasil. Não se trata de uma hegemonia, mas não existe seleção mais bem sucedida do que a tupiniquim. Assim, o futebol pode ser um instrumento

para superar os complexos de inferioridade que assolam o país em outros segmentos, como a histórica subserviência econômica em relação a outras nações.

Marques (2006) ratifica a função do futebol no resgate de uma suposta “brasilidade”. Ele cita, ainda, o emblemático trabalho do escritor Nelson Rodrigues²⁰, um dos pioneiros da corrente de exaltação dos jogadores locais como um mecanismo de inversão do nosso sentimento de inferioridade, tão presente em outros aspectos.

O futebol brasileiro, a partir de um paradigma fortalecido por Nelson Rodrigues, tem sido um dos maiores agentes de superação do “complexo de vira-latas” e de valorização da “alma nacional”, em que pesem todos os estereótipos (positivos e negativos) envolvidos nesse processo de reconstrução histórica de nossa identidade. Em épocas de Copa do Mundo – principal evento esportivo do planeta –, a imprensa brasileira sempre deu grande destaque à cobertura da participação da Seleção Brasileira (MARQUES, 2006, p. 02)

Em seguida, Marques (2006) ainda lembra que o sucesso do futebol brasileiro em algumas das últimas edições da Copa do Mundo “reacendeu no país o sentimento de superioridade absoluta no futebol, recompondo uma ‘brasilidade’ adormecida há décadas” (MARQUES, 2006, p. 02).

O futebol, por sinal, destoa da maioria dos outros esportes nesse processo. Exaltam-se as qualidades dos jogadores como se estes recebessem um “dom divino”. Enquanto o futebol brasileiro se notabiliza pela técnica, os atletas de outros esportes têm apenas o seu esforço valorizado. É exatamente sobre isso que falam Cabo, Helal e Marques (2009) em seu estudo sobre a efêmera idolatria aos esportistas brasileiros durante a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro:

Assim sendo, a análise da cobertura dos Jogos Pan-Americanos nos veículos da imprensa carioca demonstra que as tentativas de “construção” de ídolos no campo dos esportes amadores são mais complexas e utilizam-se de uma lógica distinta da formação dos heróis futebolísticos. Aqui, valoriza-se o “suor” e a “superação” e relegam-se a um plano secundário elementos como “talento” e “magia”, além de dificilmente gerar permanências que transcendam o período dos eventos (CABO; HELAL; MARQUES, 2009, p. 42)

É justamente dessas qualidades atribuídas aos jogadores de futebol brasileiros, por vezes chamados de “geniais” ou “mágicos”, que provêm a desqualificação dos méritos do adversário e a atribuição de eventuais fracassos somente aos lapsos da seleção brasileira, em

²⁰ Nelson Rodrigues cunhou a expressão “complexo de vira-latas” para sintetizar o suposto sentimento de inferioridade dos brasileiros em relação aos estrangeiros.

detrimento dos méritos dos oponentes. Pecenin (2008), ao analisar o comportamento da mídia durante a Copa do Mundo de 1998, notou a presença desses elementos:

Com a seleção brasileira podendo contar com, pelo menos, cinco dos maiores craques da época, a expectativa era altíssima, o que provocou a afirmação de uma identidade nacional marcada pelos lances geniais e pelas vitórias do futebol. A defesa dessa identidade era feita até mesmo quando a seleção não proporcionava o espetáculo a que a torcida e a crônica estavam ávidos para assistir. Empregando a expressão “não-sei-o-quê”, o discurso da crônica atribuía ao próprio futebol brasileiro a culpa pelas performances pírias da seleção, como a vitória apertada diante da Escócia e a derrota para a Noruega. Nessas situações, o destaque não era dado às virtudes dos adversários, mas sim aos desentendimentos entre os craques brasileiros, à falta de entrosamento da equipe, à estrutura administrativa decadente do futebol brasileiro, entre outros fatores (PECENIN, 2008, p. 17)

Deste modo, estabelecemos alguns dos pressupostos jornalísticos que nos auxiliarão na análise. Com a exposição do “pré-jogo”, as peculiaridades do texto para internet e a ratificação da subjetividade na imprensa esportiva, podemos dar nosso último passo antes da avaliação das estratégias discursivas de representação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2010: as considerações sobre a Teoria Semiolinguística.

2. TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E DISCURSO MIDIÁTICO

Neste capítulo, dissertaremos sobre os princípios teóricos e metodológicos que vamos utilizar no estudo, os da Teoria Semioliolinguística, enquadrada na vertente francesa da Análise do Discurso, e estabelecer associações com os postulados de Patrick Charaudeau sobre o discurso midiático, trabalhando conceitos fundamentais para a análise, como o contrato de informação midiática.

2.1 Teoria Semioliolinguística

Nesta seção, nosso primeiro objetivo é buscar uma definição do conceito de discurso, visto que, adequado às circunstâncias descritas no Capítulo 1, este será o nosso objeto na análise. Charaudeau e Maingueneau (2006) qualificam discurso como uma “noção que já estava em uso na filosofia clássica, na qual, ao conhecimento discursivo, por encadeamento de razões, opunha-se o conhecimento intuitivo” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 168). Temos ainda que “o discurso é concebido como a inclusão de um texto em seu contexto (= condições de produção e de recepção)” (ADAM apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 169).

Assim, podemos considerar que, ao identificar o discurso, é necessário levar em conta a linguagem e a situação em que ela é utilizada. Não por acaso, Charaudeau (2009b) assim define o processo de uma análise semioliolinguística do discurso, que se divide entre a intertextualidade e a linguagem propriamente dita:

Uma análise semioliolinguística do discurso é Semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só se constitui em uma intertextualidade. Essa última depende dos sujeitos da linguagem, que procuram extrair dela possíveis significantes. Diremos também que uma análise semioliolinguística do discurso é Linguística pelo fato de que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos linguageiros (CHARAUDEAU, 2009b, p.21)

Desta maneira, uma análise do discurso deve levar em conta itens referentes ao contexto em que se constroem os raciocínios, como os sujeitos envolvidos, os contratos (em nosso caso, notadamente os de informação midiática), as circunstâncias, os conhecimentos comuns, os modos de organização desse discurso e, finalmente, as estratégias discursivas.

Imediatamente, devemos considerar a encenação do ato de linguagem²¹. Os atores desta são os sujeitos, que não podem ser limitados, meramente, a um emissor e um receptor. “Tal ato deve ser visto como um encontro dialético (encontro esse que fundamenta a atividade metalinguística de elucidação dos sujeitos da linguagem) entre dois processos” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 44). Os processos a que o autor se refere são o de produção da mensagem e o de interpretação desta.

Charaudeau (2009b) propõe, portanto, um esquema que sintetiza a encenação do ato de linguagem:



Figura 02 – Esquema da encenação do ato de linguagem, por Charaudeau (2009b: 52)

As distinções entre EUE (sujeito enunciador) e EUC (sujeito comunicante) se caracterizam especialmente pela esfera que eles assumem no processo de encenação do ato de linguagem. O EUE é um sujeito de fala, “responsável por um certo efeito de discurso produzido sobre o Interpretante²²” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 51). O EUC, por sua vez, “é um sujeito agente [...], localizado na esfera externa do ato de linguagem, mas responsável por sua organização [...], o iniciador-responsável pelo ato de produção, e é a relação EUC-EUE que produz certo efeito pragmático sobre o Interpretante” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 52).

É necessário, portanto, considerar duas esferas nessa instância: a de fala e a social. O EUC é um sujeito social que, para difundir suas ideias (seu discurso), estabelece estratégias

²¹ O ato de linguagem não é simplesmente o ato de comunicação, visto que não se trata de uma via de mão dupla simétrica entre Emissor e Receptor. Ele é bem representado pela Figura 02.

²² Sujeito interpretante, o TUI que aparece na Figura 02.

discursivas e, assim, constrói o enunciado (o texto, oral ou escrito) através de seu desdobramento em outro sujeito, o EUE, que assume a função de transmitir as informações à instância de recepção.

Aliás, na instância de recepção temos também dois sujeitos: o TUD (destinatário) e o TUI (interpretante). O primeiro “é um sujeito de fala, que depende do EU²³, já que é instruído por este último. Pertence, portanto, ao ato de produção produzido pelo EU” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 47). Já o interpretante é o que “age independentemente do EU, que institui a si próprio como responsável pelo ato de interpretação que produz” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 47).

O TUD, sujeito de fala, assemelha-se à noção jornalística de “público-alvo”. Antes de construir seu raciocínio, o sujeito produtor do ato de linguagem delinea, imaginariamente, o perfil da pessoa (ou das pessoas) com quem vai se comunicar. Esse destinatário ideal é o TUD. O TUI, por sua vez, é o sujeito social da instância da recepção. Ele pode até ser equivalente a TUD, mas escapa ao alcance do sujeito produtor do ato de linguagem. “O TUI só depende dele mesmo” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 46).

Identificados os sujeitos, pensemos sobre as formas de analisar o ato de linguagem. Vale destacar que não podemos ter a pretensão de compreender todo o arcabouço intencional do sujeito comunicante, uma vez que temos à disposição apenas um texto, um mero recorte do discurso.

Analisar um ato de linguagem não pode consistir em dar conta apenas da intenção do sujeito comunicante (EUC). De um lado, porque o único objeto de observação de que dispõe o sujeito analisante é um texto já produzido. Para o analista, não há nenhuma forma de observar o conjunto do mecanismo que presidiu a produção do texto. Mesmo tentando reconstituir esse mecanismo, por analogia, mesmo se nos colocarmos no lugar do produtor do texto, será difícil para nós apreender nossas próprias operações psico-sócio-biológico-mentais. Em outros termos, a análise de um ato de linguagem não pode pretender dar conta da totalidade da intenção do sujeito comunicante (CHARAUDEAU, 2009b, p. 62)

Para tanto, precisamos captar noções importantes, como as de contrato e estratégias discursivas, recursos a que o sujeito comunicante recorre para construir seu raciocínio. Afinal, “o ato de linguagem, do ponto de vista de sua produção, pode ser considerado como uma expedição e uma aventura” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 56).

No que se refere ao contrato, podemos dizer que ele é centrado na presunção, pelo sujeito comunicante, das expectativas do interpretante.

²³ Sujeito produtor do ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2009b, p. 44)

A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga à sua. Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de conviência (CHARAUDEAU, 2009b, p. 56)

Analisando as condições impostas pelo contrato, o sujeito comunicante lança mão de estratégias para obter os resultados que pretende. Seu sucesso depende da equivalência entre TUi e TUd, uma vez que as características do sujeito destinatário, idealizado pelo comunicante, são as que determinam essas táticas discursivas. A noção de estratégia baseia-se “na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados efeitos – de persuasão ou de sedução – sobre o sujeito interpretante (TUi) [...]” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 56).

É preciso considerar, portanto, que as coerções impostas pelo contrato podem determinar as estratégias discursivas, de maneira que diferentes circunstâncias motivam diferentes construções. Podemos afirmar, portanto, que o sujeito comunicante assume “máscaras”, de acordo com o contexto.

Subsidiando as noções de contrato e estratégia, temos ainda a chamada “situação de comunicação”. As circunstâncias em que um discurso é materializado podem ser descritas, segundo Charaudeau (2009b), através de suas características físicas (qual a posição de um sujeito em relação a outro; qual o canal que eles utilizam no processo de comunicação), identitárias (sociais, sócio-profissionais, psicológicas, relacionais) e contratuais.

Para este trabalho, vamos considerar, pensando sobre as condições impostas pela relação entre o jornalista e os seus leitores, o que Charaudeau (2009b), por questões físicas, chama de “situação monologal”. No ato de produção do jornalista, o consumidor de notícias não está presente, é apenas idealizado. O sujeito comunicante não tem acesso, portanto, às reações imediatas de seu público.

Retomando as estratégias discursivas, a avaliação destas de forma sistematizada requer o enquadramento em categorias. Para tanto, existem quatro modos de organização que permitem essa análise, a saber: o *enunciativo*, o *descritivo*, o *narrativo* e o *argumentativo* (CHARAUDEAU, 2009b, p. 74):

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	Relação de influência (EU -> TU) Ponto de vista do sujeito (EU -> ELE) Retomada do que já foi dito (ELE)	<ul style="list-style-type: none"> • Posição em relação ao interlocutor • Posição em relação ao mundo • Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	Identificar e qualificar seres de maneira objetiva / subjetiva	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da construção descritiva (Nomear-Localizar-Qualificar) • Encenação descritiva
NARRATIVO	Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica narrativa (actantes e processos) • Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	Expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica argumentativa • Encenação argumentativa

Quadro 02 – Modos de organização do discurso, por Charaudeau (2009b: 75)

Considerando os objetivos do trabalho, interessam-nos as definições e as categorias dos modos *enunciativo* e *descritivo* de organização do discurso, uma vez que são os que melhor se aplicam aos textos e ao método que vamos utilizar na análise.

Notadamente, o modo *enunciativo* assume uma função especial na organização do discurso, pois, estabelecendo as relações entre locutor e interlocutor, comanda os outros modos (CHARAUDEAU, 2009b, p. 74). Em Análise do Discurso, o modo de organização *enunciativo* é uma referência ao ato que “consiste em organizar as categorias da língua, ordenando-as de forma a que deem conta da posição que o sujeito falante ocupa em relação ao interlocutor, em relação ao que ele diz e em relação ao que o outro diz” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 82).

Para Charaudeau (2009b), essas relações envolvendo o locutor se estabelecem a partir de três comportamentos. Em síntese, os procedimentos de construção enunciativa podem ser assim explicados:

1) *Comportamento alocutivo*: relação de influência sobre o interlocutor, através de imposição de conduta

2) *Comportamento elocutivo*: relação do locutor consigo mesmo, de forma a enunciar seu ponto de vista sem que o interlocutor esteja diretamente relacionado

3) *Comportamento delocutivo*: relação do locutor com um terceiro, com o sujeito falante “apagado” do próprio ato de enunciação

Em textos jornalísticos, geralmente escritos em terceira pessoa, existe certa tendência a recorrer ao comportamento delocutivo. Sem relação direta com o locutor e o interlocutor, são duas as modalidades delocutivas às quais Charaudeau (2009b) se refere: a asserção e o discurso relatado. A asserção pode definida desta forma:

[...] sinônimo de “afirmação, asseveração”. Na definição de “Afirmação”, encontramos, entre outras, uma que é identificada como pertencente ao domínio da lógica: “ato pelo qual se declara verdadeiro um juízo ou uma proposição, sem se levar em conta a forma afirmativa ou negativa que apresentem” (Novo Aurélio), e é esta a acepção que remete a “Asserção” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 100)

O discurso relatado, por sua vez, “é uma modalidade complexa que depende da posição dos interlocutores, das maneiras de relatar um discurso já enunciado, e da descrição dos modos de enunciação de origem” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 102). Para o autor, existem três maneiras de se construir o discurso relatado: citando (declaração entre aspas), integrando (agregando a declaração ao texto, através de discurso indireto), narrativizando (utilizando, em discurso indireto, um verbo de ação para relatar a declaração) e evocando (atribuindo uma construção do texto a outra pessoa).

O outro modo de organização que vamos considerar é o *descritivo*. “Descrerver consiste em ver o mundo com um ‘olhar parado’, que faz existir os seres ao nomeá-lo, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que o singularizam” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 111). A partir disso, temos três mecanismos de descrição que representam, respectivamente, os elementos citados: nomeação, localização e qualificação.

A descrição por qualificação, por vezes baseada em critérios subjetivos, é a que revela os juízos de valor do sujeito, a visão que ele constrói sobre o mundo:

A descrição pela qualificação pode ser considerada a ferramenta que permite ao sujeito falante satisfazer seu desejo de posse do mundo: é ele que o singulariza, que o especifica, dando-lhe uma substância e uma forma particulares, em função da sua própria visão das coisas, visão essa que depende não só de sua racionalidade, mas também de seus sentidos e sentimentos (CHARAUDEAU, 2009b, p. 115)

Charaudeau (2009b) identifica dois procedimentos linguísticos comuns no processo de qualificação. O primeiro é o embasamento dessa qualificação em detalhes e precisões factuais, “mais ou menos técnicos, acompanhados de definições como num texto científico,

com o objetivo de produzir um efeito de coerência realista” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 138). Esse mecanismo se revela interessante para atribuir, através de números, por exemplo, credibilidade a uma constatação materializada por meio da descrição por qualificação.

O outro recurso é a analogia, que “consiste em pôr em correspondência os seres do universo e as qualidades que pertencem a âmbitos diferentes” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 139). As comparações facilitam a interpretação do leitor em situações que evidenciem relações de força: por exemplo, x é melhor do que y .

A qualificação dos seres pode ser considerada o último estágio de um processo que culmina na representação permanente de algum aspecto do cotidiano. “Realmente, a partir do momento em que os seres do mundo são nomeados, localizados e qualificados, é como se eles fossem impressos numa película para sempre” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 116).

Finalmente, ainda sobre o modo de organização *descritivo*, devemos considerar as duas maneiras de fazer uma construção do mundo: a objetiva e a subjetiva. Enquanto, na primeira, qualificam-se “seres com a ajuda de traços que possam ser verificados por qualquer outro sujeito além do sujeito falante” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 120), a construção subjetiva do mundo permite que o sujeito descreva “através de sua própria visão, a qual não é necessariamente verificável. O universo assim construído é relativo ao imaginário pessoal do sujeito” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 125).

A diferença crucial entre essas duas maneiras de se “construir” a realidade reside, portanto, na presença ou não de um processo de escolha pelo produtor de um texto. Se ele se refere a um fato incontestável, a construção é fundamentalmente objetiva. Se, porém, o emprego de uma expressão exige do sujeito um posicionamento sobre determinado acontecimento, então estamos diante de uma construção subjetiva.

Na próxima seção, vamos trabalhar, especialmente, a forma como a mídia lança mão dessa construção subjetiva do mundo, contrariando o mito da imparcialidade jornalística.

2.2 Discurso midiático

Quando falamos em discurso midiático, o primeiro ponto que devemos discutir é a suposta neutralidade na divulgação de informações. Essa noção já é rechaçada pela própria estrutura de um texto, que exige certas escolhas reveladoras de pontos de vista e, portanto,

necessariamente contrárias a uma suposta lógica de imparcialidade. Desta maneira, “as únicas informações que se aproximam do grau zero, entendido este como ausência de todo implícito e de todo valor de crença são aquelas que se encontram nas páginas de anúncios²⁴ dos jornais” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 59).

A ausência do caráter plenamente imparcial na informação revela que o jornalista, ao escrever um texto, toma uma série de decisões, que não estão restritas ao emprego de uma ou outra palavra. Assim, quando mencionamos a “linha editorial” de um veículo de comunicação, estamos falando do modo como essa empresa jornalística se posiciona diante dos fatos e, portanto, sobre quais opções fará na hora de divulgar informações.

Por isso, é preciso diferenciar o *efeito de verdade*, por vezes aplicado ao discurso midiático, do fundamentalmente objetivo *valor de verdade*, “que permite construir um ‘ser verdadeiro’ que se prende a um saber erudito produzido por textos fundadores” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 49). O *efeito de verdade*, por sua vez, é resultado de um processo que assume caráter subjetivo, “está mais para o lado do ‘acreditar ser verdadeiro’ do que para o ‘ser verdadeiro’”. (CHARAUDEAU, 2009a, p. 49)

Há que se levar em consideração, entretanto, o fato de esses julgamentos serem dependentes do “público-alvo”, uma vez que o jornalista não escreve para si próprio. É prudente a referência à encenação do ato de linguagem, em que o sujeito comunicante imagina um destinatário: é o jornalista idealizando seu leitor. O texto é, em parte, refém das demandas da instância da recepção, pois “os acontecimentos que surgem no espaço público não podem ser reportados de maneira exclusivamente factual: é necessário que a informação seja posta em cena de maneira a interessar o maior número possível de cidadãos [...]” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 60).

Outro fator que exerce influência sobre o discurso midiático é a situação de comunicação, que se caracteriza “como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 67).

Sob influência dessas circunstâncias, surge o contrato de informação midiática. Consideremos, pois, as funções assumidas, neste caso, por cada instância do ato de linguagem:

²⁴ Quando fala em “anúncios”, o autor se refere à seção de Classificados. Não confundir com publicidades.

Como em todo ato de comunicação, a comunicação midiática põe em relação duas instâncias: uma de produção e outra de recepção. A instância de produção teria, então, um duplo papel: de fornecedor de informação, pois deve fazer saber, e de propulsor do desejo de consumir as informações, pois deve captar seu público. A instância de recepção, por seu turno, deveria manifestar seu interesse e/ou seu prazer em consumir tais informações (CHARAUDEAU, 2009a, p. 72)

Essa relação é bem evidenciada pela finalidade do contrato de comunicação midiática, que “se acha numa tensão entre duas visadas, que correspondem, cada uma delas, a uma lógica particular: a visada de fazer saber, ou visada de informação propriamente dita, [...] e uma visada de fazer sentir, ou visada de captação” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 86). Assim, essas visadas representam a finalidade do jornalista ao moldar determinadas estratégias.

A visada de informação, que impõe ao jornalista o desafio da credibilidade, “consiste em fazer saber o cidadão o que aconteceu no mundo da vida social” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 87). Essa visada não faz, portanto, qualquer referência ao caráter subjetivo da atividade jornalística: ela pressupõe imparcialidade e, sobretudo, precisão na divulgação de informações. Para contrabalançá-la, existe a chamada visada de captação, que “obriga” o profissional de comunicação, que geralmente trabalha para uma empresa com fins lucrativos, a conquistar o maior número possível de leitores.

Desta forma, o jornalista se vê diante da necessidade de negociação: com o tempo à disposição e os limites entre a impossibilidade de utilizar uma linguagem que contrarie lógicas mercadológicas e a obrigação de divulgar informações precisas. Flutuando entre esses pólos, ele constrói suas estratégias com base em sua visada, que não pode prescindir de atender à credibilidade e à captação.

Mesmo que, de qualquer maneira, o jornalista precise manter esses compromissos com a ética profissional e os interesses empresariais, ele se depara ainda com outro elemento do contrato de informação midiática: os diferentes perfis na instância da recepção.

Pensando em uma instância bipolar, Charaudeau (2009a) considera que o jornalista escreve para dois alvos clássicos: o intelectual e o afetivo. O primeiro é aquele “capaz de avaliar seu interesse com relação àquilo que lhe é proposto [...], ao qual se atribui a capacidade de pensar” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 80). O afetivo, por sua vez, é o que não avalia “nada de maneira racional, mas sim de modo inconsciente através de reações de ordem emocional. Assim sendo, a instância midiática constrói hipóteses sobre o que é mais apropriado para tocar a afetividade do sujeito alvo” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 81).

Evidentemente, essas classificações são extremas, idealizadas, e não é prudente considerar leitores apenas intelectivos ou apenas afetivos. Entretanto, o segundo perfil nos chama mais a atenção, visto que, para Charaudeau (2009a), é o mais suscetível à influência do discurso midiático e, portanto, às ideias que este pretende transmitir.

É o perfil afetivo, por sinal, que motiva as conclusões de Charaudeau (2009a) sobre o contrato de informação midiática, estabelecendo uma tensão entre a finalidade de *fazer saber* e a de *fazer sentir*:

Assim, o contrato de informação midiática é, em seu fundamento, marcado pela contradição: finalidade de fazer saber, que deve buscar grau zero de espetacularização da informação, para satisfazer o princípio de seriedade ao produzir efeitos de credibilidade; finalidade de fazer sentir, que deve fazer escolhas estratégicas apropriadas à encenação da informação para satisfazer o princípio de emoção ao produzir efeitos de dramatização (CHARAUDEAU, 2009b, p. 92)

É preciso levar em conta ainda que, em alguns casos (e aqui falamos, sobretudo, do perfil afetivo), o público busca construções convenientes, que o confortem. Em certas situações, “o sujeito acredita estar aderindo a uma verdade universal, a um mundo de evidência que o tranquiliza” (CHARAUDEAU, 2009a, p. 121). Nesses casos, o leitor pode até prescindir de formas clássicas de divulgação de notícias, as que se supõem “imparciais”, em benefício da apresentação de um acontecimento da forma que lhe satisfaça do ponto de vista emocional. A exaltação da Seleção Brasileira, por exemplo, pode soar agradável ao público de um veículo de comunicação do Brasil.

Após a disposição dos pressupostos sobre Teoria Semiolinguística e discurso midiático, vamos, no próximo capítulo, conduzir a análise do discurso de representação da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de 2010 pelo site *Globoesporte.com*.

3. O DISCURSO DE REPRESENTAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO *GLOBOESPORTE.COM*

Nesta unidade, vamos discorrer a respeito dos dispositivos da análise, de forma a estabelecer relações entre o *corpus* e pressupostos teóricos trabalhados no capítulo 2. Em seguida, com base em critérios e mecanismos que serão devidamente explicitados, conduziremos, a partir dos textos e enunciados a que temos acesso, a análise do discurso de representação da Seleção Brasileira pelo *Globoesporte.com* durante a Copa do Mundo de 2010.

3.1 Dispositivos de análise

Nosso primeiro passo é a identificação dos sujeitos do ato de linguagem. O EUC é uma instância composta pelos jornalistas²⁵ responsáveis pelos textos, submetidos à linha editorial do *Globoesporte.com*, que, por sua vez, segue as determinações das Organizações Globo, isto é, uma postura favorável e otimista em relação à Seleção Brasileira. Seu suposto desejo, portanto, é a transmissão de uma imagem positiva da equipe, colocando-a em patamar superior em relação aos outros times que disputam a Copa do Mundo.

Para a produção do texto “pré-jogo”²⁶, o EUC idealiza um TUD com características diluídas entre os dois perfis recorrentes na instância da recepção: por um lado, temos o intelectual, do leitor que está atrás de informações sobre a partida; por outro, verificamos o afetivo, do leitor à procura de considerações positivas sobre a seleção de seu país, com a exploração de características que o confortem e, portanto, mantenham-no com a sensação de que o Brasil é, de uma forma ou de outra, superior a seus oponentes.

²⁵ Aqui, os jornalistas que assinam os textos que vamos utilizar na análise:

- Pré-jogo de Brasil x Coreia do Norte: Daniel Lessa e Rafael Pirrho
- Pré-jogo de Brasil x Costa do Marfim: Márcio Iannacca, Thiago Correia e Thiago Lavinias
- Pré-jogo de Brasil x Portugal: texto não assinado
- Pré-jogo de Brasil x Chile: Leandro Canônico, Márcio Iannacca e Thiago Lavinias
- Pré-jogo de Brasil x Holanda: texto não assinado
- Pós-jogo de Brasil 1 x 2 Holanda: Daniel Lessa

²⁶ No caso do “pós-jogo”, gênero que, *ad hoc*, atribuímos a um dos textos que vamos utilizar na análise, a relação entre os sujeitos, as noções de contrato e as possíveis estratégias são similares. Elas se diferenciam apenas no tocante às condições intrínsecas ao texto, como o fato de ele ser publicado após a partida.

O objetivo do jornalista (EUc) é de que o TUd coincida com o TUi, o sujeito social, representado pelo público propriamente dito. Assim, o site *Globoesporte.com* molda o EUE (o enunciador, que, através do texto, materializa o discurso) a partir de algumas estratégias. Antes de falar sobre elas, porém, temos de considerar as coerções impostas pelo contrato de informação midiática.

Notadamente, o jornalista tem a obrigação de fornecer informações precisas sobre o jogo, mas não pode prescindir de construções ousadas para atrair o público: é preciso explorar a afetividade do leitor, com elementos que qualifiquem a Seleção Brasileira. Entre um compromisso com a divulgação correta de fatos e a necessidade de captar leitores, o espaço de manobra do jornalista reside na seleção dos acontecimentos e na maneira como eles devem ser transmitidos.

Assim, podemos discutir possíveis estratégias adotadas pelo *Globoesporte.com* no discurso de representação da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de 2010:

- 1) O Brasil tem fragilidades “mascaradas”. O raciocínio é construído de forma a exaltar aspectos positivos da equipe, especialmente em relação a seus adversários.
- 2) Existe uma tendência de otimismo em relação à Seleção Brasileira. Mesmo que perspectivas racionais indiquem o contrário, atribui-se favoritismo ao Brasil.
- 3) À Seleção Brasileira, é oferecido o papel de protagonista. Vitórias, derrotas e perspectivas devem girar em torno da equipe. Essa estratégia aponta para um raciocínio deste tipo: a Holanda não venceu o Brasil; o Brasil foi quem perdeu para a Holanda.

Outros pontos importantes no processo são a situação de comunicação e as circunstâncias em que se inserem os textos publicados pelo *Globoesporte.com*. Devemos considerar que a situação é monologal no sentido de que o jornalista não pode perceber, imediatamente após a transmissão das informações, as reações de seus leitores. Afinal, os sujeitos não estão no mesmo ambiente.

Sobre as circunstâncias que envolveram o discurso de representação da Seleção Brasileira, retomemos o desempenho da equipe na Copa do Mundo. Após cinco jogos, a seleção encerrou sua participação com um saldo de três vitórias, um empate e uma derrota. Vejamos os resultados:

- 1) Brasil 2 x 1 Coreia do Norte, a 15 de junho
- 2) Brasil 3 x 1 Costa do Marfim, a 20 de junho
- 3) Brasil 0 x 0 Portugal, o último jogo da primeira fase, a 25 de junho
- 4) Brasil 3 x 0 Chile, na fase de oitavas-de-final, a 28 de junho
- 5) Brasil 1 x 2 Holanda, na fase de quartas-de-final, a 2 de julho

Finalmente, podemos falar sobre os critérios de análise. Em virtude do pouco tempo disponível, não é viável uma análise do discurso considerando a totalidade dos textos. Desta maneira, definimos, *a priori*, duas condições necessárias ao enunciado para que ele seja levado em consideração.

O primeiro é a adequação do enunciado (a cada raciocínio, atribuiremos a condição de enunciado) a um campo semântico. Como o objeto desta análise é o discurso de representação da Seleção Brasileira, esse recurso nos permite selecionar apenas enunciados em que essa representação aconteça de forma clara, ou seja, diretamente relacionada à seleção. O elemento que caracterizará a adequação de um enunciado ao campo semântico é a presença de um termo ligado ao sintagma “Seleção Brasileira”, como, por exemplo, os vocábulos “Brasil”, “seleção”, “equipe” ou “time”, desde que, contextualizados, eles remetam ao conjunto então treinado por Dunga²⁷.

O outro critério é a presença de uma construção subjetiva do mundo, uma vez que nosso objetivo é identificar juízos de valor. Essa construção subjetiva se materializará através de descrições por qualificação. Assim, a associação, por exemplo, de um adjetivo que manifeste o ponto de vista do sujeito (ou seja, que não represente um fato e, por isso, não possa ser atribuído por qualquer pessoa) à verificação do sintagma “Seleção Brasileira” ou de seus equivalentes justificará a necessidade de analisar o enunciado.

A partir da seleção dos enunciados, nosso objetivo será a identificação do ponto de vista do sujeito. Claramente, a forma mais produtiva de fazê-lo é a através de asserções, categoria do modo enunciativo de organização do discurso de comportamento delocutivo (aquele em que o sujeito “se apaga”). Devemos considerar que a estrutura clássica da

²⁷ Carlos Caetano Bledorn Verri, treinador da Seleção Brasileira de 2006 à Copa de 2010.

asserção²⁸ não é obrigatória. É preciso admitir, pois, a possibilidade de configurações implícitas (CHARAUDEAU, 2009b, 102).

Essas asserções se correspondem com modalidades do comportamento elocutivo, aquele em que o locutor anuncia, em primeira pessoa, o seu ponto de vista. Fazendo esse caminho, de conversão da asserção a uma modalidade elocutiva correspondente, vamos identificar o juízo de valor presente em cada enunciado.

O quadro comparativo proposto por Charaudeau (2009b) será nossa base para tanto. O autor estabelece uma relação direta entre as modalidades de asserção e as pertencentes ao comportamento elocutivo:

ELOCUTIVO	DELOCUTIVO	
MODALIDADES	ASSERÇÕES E CONFIGURAÇÃO	
“Constatação e Saber”	“Constatação”:	“Admite-se que...” “É visível que...”, “É notável que...”
“Opinião-convicção” “Opinião-suposição”	“Evidência”: “Probabilidade”:	“É evidente que...”, “É verdade que...” “É certo que...”, “O fato é que...” “É incontestável que...”, “Evidentemente”, “Efetivamente”, “Com certeza”, etc. (forte) “É provável que...”, “provavelmente”, “É verossímil que...”, “aparentemente”, etc. (média) “Pode ser que...”, “Talvez...” “É possível que...”, “Pode acontecer que...” (fraca) “É pouco provável que...” “As chances são poucas de...”
“Apreciação” <i>favorável</i> <i>desfavorável</i>	“Apreciação” <i>Favorável:</i> <i>Desfavorável:</i>	“É bom que...”, “É satisfatório que...” “É interessante que...”, “É admirável que...” “É positivo que...”, “É surpreendente que...” “É uma tristeza que...”, “É terrível que...” “É pena que...”, “É constrangedor que...”
“Obrigação”	“Obrigação”:	“É preciso que...”, “É obrigatório que...” “É necessário que...”, “É indispensável que...” “É proibido...”, “Basta que...”, “É conveniente...”
“Possibilidade” (de fazer)	“Possibilidade”: (de fazer)	“É possível (fazer)...”, “É factível”
“Querer- anseio” “Querer- exigência”	“Anseio”: “Exigência”:	“É desejável que...” “Exige-se que...”, “Há a exigência de que...”
“Aceitação” (Recusa)	“Aceitação”: “Recusa”:	“É aceitável que...” “Não é aceitável que...”
“Declaração- Confissão” “Afirmação Confirmação”	“Confissão”: “Confirmação”:	“É inconfessável que...” “É verdade que...”, “É certo que...” “É exato que...”, “É certo dizer que...”

Quadro 03 – Associação das modalidades de asserção (delocutivas) às modalidades elocutivas, por Charaudeau (2009: 101)

²⁸ “Construções iniciadas pelo verbo ‘ser’ + adjetivos ou substantivos abstratos, seguidas de orações no infinitivo, no indicativo ou no subjuntivo, dependendo do valor da modalidade” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 102)

Em alguns enunciados, porém, pode aparecer o discurso relatado. Quando isso acontecer, vamos explicitar os possíveis motivos pelos quais as declarações ou atribuições foram dispostas no texto.

Após as constatações baseadas na presença de qualificações, asserções e discursos relatados, vamos, para cada enunciado, fazer comentários a respeito das possíveis estratégias adotadas para atender à visada do *Globoesporte.com* ao efetuar determinada construção.

Com base nos princípios descritos, vamos conduzir as análises. São 25 os enunciados que atendem aos critérios estabelecidos, presentes nos seis textos que compõem o *corpus*²⁹ (os cinco textos pré-jogo e o pós-jogo de Brasil 1 x 2 Holanda).

3.2 A representação da Seleção Brasileira pelo *Globoesporte.com*

3.2.1 Texto “pré-jogo” de Brasil x Coreia do Norte: “Em Joanesburgo, Brasil inicia corrida pelo ouro contra a Coreia do Norte”

1) “Em Joanesburgo, *Brasil inicia corrida pelo ouro* contra a Coreia do Norte”

O título do texto é um enunciado que merece ser analisado por conta de uma descrição por qualificação implícita, que caracteriza uma construção subjetiva da realidade. De acordo com o *Globoesporte.com*, a Copa do Mundo é tratada, para o Brasil, como uma “corrida pelo ouro”, atribuição concedida à competição a partir do enunciado.

A modalidade de asserção presente é a evidência, visto que não havia dúvidas: “Em Joanesburgo, Brasil inicia (com certeza) corrida pelo ouro contra a Coreia do Norte”. Segundo o Quadro 03³⁰, a modalidade elocutiva correspondente à evidência é a opinião-convicção. A posição do site indica, portanto, a convicção de que a Copa do Mundo nada mais é, para o Brasil, do que uma “corrida pelo ouro” e que esta começava na partida diante dos norte-coreanos. Assim, o enunciado poderia se converter, sem o apagamento do sujeito, em “Estamos certos de que o Brasil inicia a corrida pelo ouro contra o Coreia do Norte”.

²⁹ Os textos estão disponíveis, na íntegra, na seção de anexos.

³⁰ Associação das modalidades de asserção (delocutivas) às modalidades elocutivas. Ver página 35.

Portanto, o efeito produzido aponta para uma sensação de fracasso caso a Seleção Brasileira não retornasse ao país com o título, visto que restringe a competição a uma busca pelo troféu.

É evidente que o título mundial era o principal objetivo para o Brasil. Entretanto, ao limitar o torneio a uma “corrida pelo ouro”, o site desvaloriza qualquer campanha que não culmine no primeiro lugar. Essa opinião-convicção, mascarada por uma asserção por evidência, parece atribuir à Seleção Brasileira um teor de superioridade, uma vez que, segundo o texto, nada além da conquista do campeonato importava. Vale lembrar que o Brasil ganhou cinco das 18 Copas do Mundo que haviam sido disputadas até então. Sob essa ótica de “corrida pelo ouro”, portanto, a equipe já colecionava 13 fracassos³¹ (14 após a Copa de 2010).

2) “Surgida após a descoberta do metal precioso no fim do século XIX, Joanesburgo é o terreno onde a *seleção brasileira* iniciará sua luta pelo troféu *mais cobiçado* do futebol mundial: a taça da Copa do Mundo”

O enunciado se apresenta de forma muito semelhante ao título, como se o ratificasse. Aqui, a qualificação subjetiva se manifesta na rotulação do troféu da Copa do Mundo de o “mais cobiçado do futebol mundial”. Essa afirmação, é bem verdade, revela-se pertencente ao senso comum, mas, ainda assim, é uma construção subjetiva da realidade, visto que pode haver quem pense o contrário.

A asserção é, novamente, por evidência. Por sinal, o enunciado é tão parecido com o título, que o verbo utilizado é o mesmo: iniciar, desta vez no futuro do presente. Assim, a conversão para uma modalidade elocutiva, a opinião-convicção, produz efeito muito próximo do que se verificou no primeiro enunciado analisado: “[...] é o terreno onde estamos certos de que a seleção brasileira iniciará sua luta pelo troféu mais cobiçado do futebol mundial: a taça da Copa do Mundo”.

Sobre a qualificação subjetiva, não há muito espaço para contestação, uma vez que, conforme destacamos, atribuir à Copa o galardão de torneio mais importante do futebol mundial é quase consensual. Quanto à asserção, transformada em modalidade elocutiva convicção, as conclusões são similares às do primeiro enunciado, pois o torneio é encarado, para o Brasil, estritamente como uma “luta pelo troféu mais cobiçado do futebol mundial”, o

³¹ Como conquistou cinco das 18 Copas do Mundo que haviam sido disputadas antes de 2010, o índice de “aproveitamento” do Brasil era de 27,8%. O índice do que é tachado de “fracasso”, portanto, era de 72,2%.

que, novamente, produz uma sensação de superioridade, pois nada além do título seria satisfatório.

3) “O *Brasil* dá o pontapé inicial para recuperar a taça *mais importante* do futebol mundial – contra a *misteriosa* Coreia do Norte, às 15h30m (20h30m no horário sul-africano) no Estádio Ellis Park, em Joanesburgo”

A descrição por qualificação subjetiva se faz presente em “taça mais importante do futebol mundial” e “misteriosa Coreia do Norte”. No primeiro caso, a qualificação produz exatamente o mesmo efeito do segundo enunciado, que fala em “taça mais cobiçada do futebol mundial”. No segundo, a atribuição do adjetivo “misteriosa” à seleção norte-coreana também é consensual³².

Quanto à asserção, ela é novamente por evidência: “(O fato é que) o Brasil dá o pontapé inicial para recuperar a taça mais valiosa do futebol mundial”. Aqui, porém, há uma diferença fundamental. Enquanto, nos dois primeiros enunciados, são empregados os termos “luta” e “corrida”, que remetem a uma disputa (certamente complicada) pelo título, este fala, diretamente, em “recuperar a taça mais importante do futebol mundial”. Transformando a asserção em uma convicção (de comportamento elocutivo), temos: “Estamos convencidos de que o Brasil dá o pontapé inicial para recuperar a taça mais valiosa do futebol mundial”.

Fica claro que, indiretamente, o *Globoesporte.com* atribui favoritismo ao Brasil, ou, pelo menos, manifesta otimismo quanto à campanha que se iniciaria contra a Coreia do Norte. Vale destacar também a presença do verbo “recuperar”, que dá a ideia de que a “taça mais valiosa do futebol mundial” pertence, originalmente, à Seleção Brasileira.

4) “Para o *Brasil*, a conquista significará a coroação do *melhor futebol mundial* pela sexta vez, a manutenção da hegemonia no reino da bola”

A atribuição do título de “melhor futebol mundial” a “Brasil” caracteriza a descrição por qualificação subjetiva. Por si só, ela já mostra um mecanismo de supervalorização

³² A seleção da Coreia do Norte mantinha treinamentos secretos e era muito pouco conhecida pelos treinadores dos outros times e pelos jornalistas.

arbitrário, que parece estar indiretamente relacionado aos cinco títulos mundiais³³ conquistados pela Seleção Brasileira.

A asserção manifesta-se, desta vez, por constatação. Para o *Globoesporte.com*, “(é notável que,) para o Brasil, a conquista significará a coroação do melhor futebol mundial pela sexta vez [...]”. Transformando a asserção na modalidade elocutiva de saber, temos: “Nós sabemos que, para o Brasil, a conquista significará a coroação do melhor futebol mundial pela sexta vez [...]”.

Aliada ao complemento do enunciado, que fala em “manutenção da hegemonia no reino da bola”, a asserção explica aos leitores a importância que a conquista teria para o Brasil. Aliás, pensando sobre o verbo “significar”, conjugado no futuro do presente (significará), em vez de no futuro do pretérito (significaria), fica evidente a sensação de certeza sobre o título do Brasil que o site pretendia transmitir.

5) “O solo africano tem sido *generoso* com o *Brasil*”

O adjetivo “generoso”, atribuído a “solo africano”, caracteriza uma descrição por qualificação subjetiva. Ela se justifica pelo fato de que o Brasil tinha, antes da Copa, um retrospecto de 18 vitórias em igual número de jogos disputados na África.

Por isso, a asserção presente é, mais uma vez, por constatação: “(porque a Seleção Brasileira venceu todos os 18 jogos que fez na África, é visível que) o solo africano tem sido generoso com o Brasil”. A conversão à modalidade elocutiva de constatação permite a interpretação de que, na realidade, o site quis dizer: “Constatamos que o solo africano tem sido generoso com o Brasil”.

A visada evidente é a associação do fato de que “o solo africano tem sido generoso com o Brasil” à expectativa de uma campanha que resultasse no título na África do Sul, o que se revela um tanto reducionista, pois a Copa do Mundo era a primeira competição de grande magnitude³⁴, contra muitos adversários realmente fortes, que o Brasil disputava na África.

³³ A Seleção Brasileira, com cinco títulos mundiais, é a que mais vezes conquistou a Copa do Mundo.

³⁴ Em 2009, a Seleção Brasileira venceu a Copa das Confederações na África do Sul. Os adversários que o Brasil derrotou foram Egito, Itália, África do Sul e Estados Unidos.

6) “Mas, apesar de ser um confronto entre a *melhor* e a *pior* seleção da Copa, de acordo com o ranking da FIFA (o *Brasil* lidera a lista, com os norte-coreanos em 105º), o treinador Kim Jong Hum aposta na concentração de seus jogadores”

As qualificações subjetivas se manifestam por “a melhor e a pior seleção da Copa”, atribuídas, respectivamente, a Brasil e Coreia do Norte. Aqui, percebe-se o discurso relatado. O *Globoesporte.com* atribui a uma dinâmica classificação³⁵ da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) a responsabilidade por rotular a “melhor” e a “pior” seleção dentre as que disputariam a Copa do Mundo. Para tanto, a modalidade de discurso relatado empregada foi a evocação, notadamente uma forma de conferir credibilidade à posição do site, motivada pela linha editorial otimista em relação à seleção nacional: o Brasil tem o melhor time do mundo.

3.2.2 Texto “pré-jogo” de Brasil x Costa do Marfim: “Com orgulho bordado no peito, Brasil tenta vaga diante da Costa do Marfim”³⁶

7) “Orgulho e amor. Este é o lema que os jogadores da seleção carregam no peito nesta Copa do Mundo. Está oculto. Atrás do escudo da CBF na *camisa canarinho*. Orgulho *de ser brasileiro* e amor *pelo futebol*”

A presunção do site ao descrever por qualificação o “orgulho” (de ser brasileiro) e o “amor” (pelo futebol), palavras que aparecem isoladas no lema escrito atrás do escudo da Confederação Brasileira de Futebol, no uniforme do Brasil, caracteriza uma construção subjetiva da realidade. A presença da expressão “camisa canarinho”, alusão à Seleção Brasileira, também justifica a análise deste enunciado.

É perceptível, neste caso, a utilização de uma asserção por confirmação, de modo que a sequência “orgulho de ser brasileiro e amor pelo futebol” ratifica, subjetivamente, o significado do lema “orgulho e amor”. O *Globoesporte.com* considera que “é certo dizer que” o orgulho é de ser brasileiro, e o amor, pelo futebol. A conversão à modalidade elocutiva de

³⁵ Em 20 de outubro de 2010, o Brasil, que chegou a liderar o ranking da FIFA antes da Copa, ocupava a terceira posição.

³⁶ O pré-jogo completo e, portanto, contextualizado está disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/com-orgulho-bordado-no-peito-brasil-tenta-vaga-diante-da-costa-do-marfim.html> e no Anexo 3.2.

afirmação nos permite concluir que o site quis transmitir: “Presumimos que o orgulho seja de ser brasileiro, e o amor, pelo futebol”.

Essa interpretação da frase revela muito sobre a visão de futebol do site. O futebol brasileiro, amado pelo povo, é fonte de orgulho para a população, de superação dos complexos de inferioridade, visto que, para o *Globoesporte.com*, é o “melhor futebol do mundo”. Vale destacar que esse raciocínio norteou a construção do texto “pré-jogo” para Brasil x Costa do Marfim. A fraca exibição da Seleção Brasileira na estreia, contra a Coreia do Norte, não foi explorada. Aliás, nem sequer mencionada.

3.2.3 Texto “pré-jogo” de Brasil x Portugal: “Brasil busca a liderança e o caminho mais tranquilo contra Portugal”

8) “*Brasil* busca a liderança e o caminho *mais tranquilo* contra Portugal”

A rotulação de “mais tranquilo” ao possível “caminho” da Seleção Brasileira (em referência aos possíveis adversários a partir das oitavas-de-final) é a descrição por qualificação do enunciado.

A modalidade de asserção que aparece é a constatação. O site, vislumbrando que, caso o Brasil fosse o líder do Grupo G da Copa do Mundo, Argentina, Alemanha e Inglaterra não estariam no chaveamento até a final, faz a associação, arbitrária: “(Admite-se que a liderança proporcionará à Seleção Brasileira) o caminho mais tranquilo”. Convertendo o enunciado à modalidade elocutiva de saber, chegamos à interpretação do *Globoesporte.com* sobre o assunto: “Nós sabemos que a liderança dará ao Brasil um caminho mais tranquilo”.

O posicionamento visa a justificar a relevância em ser líder. Para confirmar a superioridade, através da classificação final do Grupo G, sobre seus adversários Coreia do Norte, Costa do Marfim e Portugal (o único que poderia alcançar o Brasil), a Seleção Brasileira precisava de um empate contra Portugal. A teoria sobre o caminho “mais tranquilo”, por sua vez, é muito contestável, baseada apenas na tradição histórica das seleções em questão. A Holanda e a Espanha, ainda que fossem quase consensualmente favoritas ao título, não foram incluídas na discussão, uma vez que não detinham conquistas mundiais. A associação de “liderança” a algo bom parece ser, portanto, uma forma de representação da Seleção Brasileira escolhida pelo site.

9) “Com uma derrota para Portugal e o segundo lugar no Grupo G, o cruzamento ficaria *mais complicado* até a final”

Notadamente, o enunciado pertence ao campo semântico “Seleção Brasileira” porque, embora não mencione explicitamente um termo que o caracterize, faz referência a uma situação vivida pelo Brasil. A qualificação subjetiva se manifesta em “mais complicado”, em alusão ao cruzamento com outras equipes a partir da segunda fase caso a Seleção Brasileira ficasse com o segundo lugar do grupo.

A modalidade de asserção e a elocutiva são as mesmas do enunciado anterior, pois a afirmação tem o mesmo teor, apenas com a ressalva de que fala do caminho “mais complicado”, e não do “mais tranquilo”. Parece-nos importante, aqui, a menção ao tempo verbal utilizado: o verbo “ficar” está no futuro do pretérito, o que, corretamente, indica incerteza quanto à possibilidade de o Brasil perder para Portugal e ficar com o segundo lugar do grupo.

10) “Além disso, o primeiro lugar no Grupo G faz a *seleção* se desgastar *menos* nos deslocamentos até a final da Copa do Mundo”

O raciocínio postulado no enunciado 8 retorna à tona, de forma que o desgaste (no que concerne às viagens que o Brasil faria a partir da segunda fase) seria considerado menor com a conquista da liderança do Grupo G. Assim, “menos”, atribuído a “desgastar”, assinala a descrição por qualificação subjetiva do enunciado.

Desta vez, a modalidade de asserção presente está mais próxima da evidência: “(É certo que) o primeiro lugar no Grupo G faz a seleção se desgastar menos [...]”. Transformando-a em uma modalidade elocutiva, chegamos à visão do *Globoesporte.com*: “Estamos certos de que o primeiro lugar no Grupo G faz a seleção se desgastar menos [...]”.

A visada do site é, novamente, justificar a necessidade de o Brasil ser líder de seu grupo, agora com conclusões baseadas no número e na extensão das viagens que a seleção faria se chegasse ao primeiro lugar. Notemos, ainda, um aspecto curioso do enunciado: o tempo verbal da conjugação do verbo “fazer”, o presente do indicativo, denota a certeza que o site tem de que a Seleção Brasileira conseguiria pelo menos um empate contra Portugal. No enunciado anterior, o verbo conjugado “ficaria” manifesta, comparativamente, desprezo pela possibilidade de a seleção portuguesa vencer o jogo.

11) “Desde o dia 4 de dezembro, quando foram sorteados os grupos da Copa do Mundo, o duelo entre *Brasil* e Portugal vem sendo apontado como o jogo *mais esperado* da primeira fase”

A rotulação da partida entre Brasil e Portugal de “o jogo mais esperado da primeira fase” é a manifestação da descrição por qualificação subjetiva. Percebamos que, neste enunciado, aparece o discurso relatado. O *Globoesporte.com* se exime da responsabilidade de qualificar o encontro entre brasileiros e portugueses como o mais importante da fase de grupos da Copa do Mundo ao atribuir a outros (sem dizer quem) a afirmação de que a partida era a mais aguardada do primeiro estágio.

Aqui, a visada é uma tentativa de valorização do jogo (que definiria apenas o primeiro colocado do grupo, pois Portugal estava praticamente classificado) e, por conseguinte, da própria Seleção Brasileira. Havia várias outras partidas capazes de atrair atenção na primeira fase da Copa, tais como França x Uruguai, Alemanha x Sérvia, Holanda x Dinamarca, Itália x Paraguai e Espanha x Chile. O discurso relatado por integração, atribuindo a afirmação a personagens “ocultos”, não fortalece a tese.

12) “A fase dos dois países não poderia ser *melhor*. O *Brasil* vem de oito vitórias consecutivas. Enquanto Portugal sustenta 18 partidas de invencibilidade – desde que perdeu justamente para o *Brasil* por 6 a 2, no dia 19 de novembro de 2008, no Distrito Federal”

O *Globoesporte.com* efetua a descrição por qualificação subjetiva, através do enunciado, quando afirma que a fase dos dois países (ou das respectivas seleções, como quis dizer) “não poderia ser melhor”.

A asserção aparece por meio da modalidade de constatação. O site se posiciona, implicitamente, desta forma: “(É visível que) a fase dos dois países não poderia ser melhor”. Na modalidade elocutiva de saber, teríamos: “Nós sabemos que a fase dos dois países não poderia ser melhor”.

O raciocínio é similar ao evidenciado no enunciado anterior. O argumento de que a fase dos dois países “não poderia ser melhor” é um mecanismo de valorização do jogo. A base desse pensamento são a invencibilidade de Portugal e as vitórias seguidas do Brasil, ignorando a forma como os times têm jogado: apesar das boas vitórias na rodada anterior, os portugueses foram mal contra a Costa do Marfim, enquanto os brasileiros não agradaram diante da Coreia do Norte e nos amistosos antes da Copa. Atentemos, ainda, para o fato de

que o site faz questão de destacar, com detalhes, a última derrota de Portugal, justamente contra a Seleção Brasileira, em mecanismo de exaltação da seleção nacional: os lusitanos podem até viver boa fase, mas, para o Brasil, eles perderam.

3.2.4 Texto “pré-jogo” de Brasil x Chile: “Brasil x Chile coloca Bravo mais uma vez no caminho do carrasco Robinho”

13) *Brasil x Chile coloca Bravo mais uma vez no caminho do carrasco Robinho*”

A qualificação subjetiva, desta vez, é uma referência a Robinho, um dos atacantes titulares da Seleção Brasileira. O termo “carrasco” é atribuído ao então jogador do Santos por conta do retrospecto dele em jogos contra o Chile: em cinco jogos, Robinho havia marcado sete gols.

A asserção, neste caso, é por evidência, pois Claudio Bravo (goleiro do Chile) e Robinho de fato jogariam a partida das oitavas-de-final. Então, podemos considerar que o título, apresentando a asserção de maneira explícita, seria assim escrito: “(É certo que) Brasil x Chile coloca Bravo mais uma vez no caminho do carrasco Robinho”. Convertendo a asserção à modalidade elocutiva de opinião-convicção, temos: “Estamos certos de que Brasil x Chile coloca Bravo mais uma vez no caminho do carrasco Robinho”.

Essa certeza, porém, revela mais do que o simples fato de Claudio Bravo e Robinho estarem escalados para o jogo. A associação ao adjetivo “carrasco”, que qualifica o atacante subjetivamente, é um mecanismo ao qual o *Globoesporte.com* recorre para exaltá-lo. Robinho estava em má fase³⁷, mas os jogos contra o Chile o credenciavam a um bom desempenho nas oitavas-de-final da Copa do Mundo. A escolha era simples: criticá-lo por vir jogando mal ou dar um voto de confiança a ele em função do ótimo retrospecto diante dos chilenos? O site ficou com a segunda opção.

³⁷ Robinho passou a metade final de 2009 no Manchester City, da Inglaterra. No campeonato local, jogou 10 vezes e não marcou gol. Em 2010, o atacante pediu para ser emprestado ao Santos. Na Vila Belmiro, ajudou seu time a conquistar o Campeonato Paulista e a Copa do Brasil, mas foi considerado apenas um “coadjuvante” pela crítica. Na primeira fase da Copa do Mundo, não marcou gol contra Coreia do Norte e Costa do Marfim e não jogou diante de Portugal por conta de uma lesão.

14) “Bravo. O goleiro do Chile tem *nome de colocar medo* nos adversários, mas não na *seleção brasileira*”

A descrição por qualificação subjetiva se revela na associação de “Bravo” (sobrenome do goleiro titular do Chile, Claudio) a “nome de colocar medo”. Essa relação deixa claro que a palavra “bravo”, com a qual se estabelece uma ligação através do sobrenome do goleiro chileno, é a que se refere ao indivíduo corajoso, valente.

Podemos notar uma asserção implícita por evidência, dado o caráter categórico da afirmação, que podemos assim interpretar: “O goleiro do Chile tem nome de colocar medo nos adversários, mas (é evidente que) não na seleção brasileira”. Em modalidade elocutiva de opinião-convicção, identificamos a linha de pensamento do *Globoesporte.com*: “O goleiro do Chile tem nome de colocar medo nos adversários, mas temos certeza de que não na seleção brasileira”.

Notemos que essa asserção é diferente da que rotula Robinho como “carrasco” ou de uma atribuição de favoritismo ao Brasil. Mais visível é a postura de desprezo em relação aos chilenos, por meio da menção ao goleiro Bravo (percebamos: o que, diretamente, sofre os gols que dão as vitórias à Seleção Brasileira). Ainda devemos considerar o fato de que o Brasil é colocado em situação de superioridade mesmo em relação a todos os outros oponentes. Afinal, “O goleiro do Chile tem nome de colocar medo nos adversários (generalizando), mas não na seleção brasileira (que é tratada como uma exceção superior, aquela em que Bravo não consegue colocar medo).

15) “É claro que o discurso de respeito predomina no *lado verde e amarelo*, mas o retrospecto do duelo mostra que o *Brasil é o favorito* nas oitavas de final da Copa do Mundo, nesta segunda-feira, às 20h30m (15h30m de Brasília), no estádio Ellis Park, em Joanesburgo”

A rotulação do Brasil como o “favorito” contra o Chile caracteriza a descrição por qualificação subjetiva. O favoritismo atribuído à Seleção Brasileira é fruto do histórico de confrontos contra os chilenos na chamada “era Dunga”, quando o Brasil conquistou cinco vitórias em igual número de jogos.

No início do enunciado, apresenta-se uma asserção explícita por evidência, como forma de “pregar respeito” ao oponente, um dos princípios louváveis do esporte. Interessanos, porém, a outra asserção por evidência, desta vez implícita, que denota o posicionamento taxativo do *Globoesporte.com* quanto à relação de forças para o jogo: “(Pelo retrospecto do

duelo, é evidente que) o Brasil é favorito nas oitavas de final da Copa do Mundo”. Na modalidade elocutiva de opinião-convicção, encontramos a linha de pensamento do sujeito de forma mais clara: “Estamos certos de que, por conta do retrospecto do duelo, o Brasil é favorito contra o Chile”.

O embasamento do site, assim como na atribuição do adjetivo “carrasco” a Robinho, é o retrospecto favorável contra o Chile. A estratégia discursiva se mostra convincente, mas negligencia a forma recente das seleções, como a boa primeira fase do Chile, que venceu Honduras e Suíça e impôs dificuldades à Espanha, que seria campeã.

16) “O Chile, por sinal, tem sido o rival *predileto* da *seleção brasileira* na era Dunga”

Ao considerar que o Chile é o “rival predileto” da Seleção Brasileira no período em que Dunga trabalhou como treinador, o *Globoesporte.com* efetua, através de uma qualificação, uma construção subjetiva da realidade.

A modalidade assertiva presente no enunciado é a constatação, pois o site qualifica o Chile como o “rival predileto” do Brasil por conta das cinco vitórias em igual número de partidas contra os andinos desde que Dunga assumira o comando técnico: “(É visível) que o Chile tem sido o rival predileto da seleção brasileira na era Dunga”. Reescrevendo a sentença pela modalidade elocutiva de saber, temos: “Nós sabemos que o Chile tem sido o rival predileto da seleção brasileira na era Dunga”.

A visada do site é convencer de que, por ter vencido os últimos cinco jogos contra os chilenos, o Brasil “gosta” de enfrentá-los. O adjetivo “predileto”, aliás, evidencia esse raciocínio de uma forma muito intensa. Essa rotulação estabelece até mesmo uma relação amigável, como se os chilenos já estivessem conformados com a derrota e a participação na Copa do Mundo até as oitavas-de-final. A linha de pensamento corrobora, portanto, a ideia de que Bravo e, por conseguinte, o Chile não colocam medo na Seleção Brasileira, presente no enunciado 14.

3.2.5 Texto “pré-jogo” de Brasil x Holanda: “Brasil e Holanda confrontam ‘irmãos’ Robinho e Robben na luta pela semi”

17) “*Brasil e Holanda confrontam ‘irmãos’ Robinho e Robben na luta pela semi*”

A descrição por qualificação subjetiva se manifesta na atribuição do adjetivo “irmãos” a Robinho e Arjen Robben³⁸. A associação entre o brasileiro e o holandês é feita com base em supostas “coincidências”, como o mês de nascimento (janeiro de 1984) e o “dom do drible”, termo utilizado pelo *Globoesporte.com* para designar a principal característica dos jogadores em questão.

Como o grau de subjetividade da qualificação é muito alto, a asserção está mais próxima da modalidade de aceitação. Explicitamente, teríamos: “(É aceitável afirmar que) Brasil e Holanda confrontam ‘irmãos’ Robinho e Robben na luta pela semi”. Na modalidade elocutiva de aceitação, encontramos a posição do sujeito sem o apagamento deste: “Admitimos o fato de que Brasil e Holanda confrontam ‘irmãos’ Robinho e Robben na luta pela semi”.

A associação entre Robinho e Robben parece ter sido viabilizada pela boa atuação do brasileiro na vitória contra o Chile, nas oitavas-de-final, quando marcou um gol e participou ativamente de jogadas decisivas³⁹. Entretanto, essa comparação soa muito mais positiva para Robinho do que para Robben, que tiveram desempenhos incompatíveis com comparações niveladas na temporada anterior à Copa do Mundo⁴⁰. Assim, podemos dizer que a associação é imprópria – e vantajosa para o brasileiro – sob o ponto de vista do rendimento recente dos jogadores.

18) “Aliás, depois do empate por 0 a 0 com Portugal, na última rodada da fase de grupos, o técnico do *Brasil* lamentou não ter o Rei das Pedaladas, poupado com desconforto muscular. Até porque o time luso armou uma *retranca* para a *equipe brasileira*”

Apesar da nomeação subjetiva atribuída a Robinho (“Rei das Pedaladas”), vamos considerar aqui a qualificação subjetiva apresentada em “retranca”, em referência à postura da

³⁸ Atacante da Seleção Holandesa e do Bayern de Munique, da Alemanha

³⁹ Robben também marcou um gol nas oitavas-de-final, contra a Eslováquia.

⁴⁰ Enquanto Robinho precisou trocar de clube (foi emprestado pelo Manchester City ao Santos) para jogar regularmente, Robben foi o principal jogador do bem sucedido Bayern de Munique em 2009-10.

Seleção Portuguesa na última partida da primeira fase da Copa do Mundo. A utilização de “Rei das Pedaladas⁴¹” é uma escolha, mas não propriamente um apelido cunhado pelo *Globoesporte.com*.

A asserção implícita expressa no enunciado é uma referência à partida contra Portugal, a última da primeira fase, quando Robinho não jogou. Ela se manifesta pela modalidade de constatação. A partir da postura da Seleção Portuguesa em campo, o site conclui: “(É visível que) o time luso armou uma retranca para a equipe brasileira”. Na modalidade elocutiva correspondente, a de saber, o trecho ficaria assim: “Nós sabemos que o time luso armou uma retranca para a equipe brasileira”.

O posicionamento do *Globoesporte.com* atribui, mais uma vez, um teor de superioridade ao Brasil, uma vez que interpreta a conduta de Portugal no empate por 0 a 0 como uma “retranca”, ou seja, uma postura defensiva, de um time que não se preocupou em atacar, seja por respeito ou medo da Seleção Brasileira. A posição é no mínimo contestável: Portugal precisava da vitória para garantir o primeiro lugar do grupo, enquanto o empate bastava ao Brasil. Por que Portugal adotaria um comportamento “covarde”? Por fim, a relação entre a ausência de Robinho e a incapacidade do Brasil de superar o “bloqueio” português é mais um mecanismo de exaltação do atacante, que era tratado como uma “arma” em potencial para o jogo contra a Holanda, pelas quartas-de-final da Copa do Mundo.

19) “Para o técnico holandês, Van Marwijk, o *Brasil é o favorito* ao título do Mundial”

A atribuição do adjetivo “favorito” ao Brasil caracteriza a descrição por qualificação subjetiva do enunciado. Contudo, é preciso notar que estamos tratando, desta vez, de um discurso relatado, que se aproxima da evocação: neste enunciado, o *Globoesporte.com* repassa a responsabilidade da supervalorização da Seleção Brasileira ao treinador da Seleção Holandesa, Bert van Marwijk. Quando o técnico do próximo adversário diz algo assim, a tese de que o Brasil era o “favorito ao título do Mundial” se torna crível aos olhos de quem lê e, portanto, garante a eficácia do discurso otimista.

⁴¹ Alcunha atribuída a Robinho em 2002, quando, na final do Campeonato Brasileiro, o então jovem de 18 anos sofreu um pênalti do lateral-direito Rogério, do Corinthians, após passar os pés oito vezes sobre a bola em drible batizado de “pedalada”.

3.2.6 Texto “pós-jogo” de Brasil 1 x 2 Holanda⁴²: “Brasil perde para a Holanda e é eliminado de novo nas quartas”

20) “*Seleção* tem atuação *segura* no primeiro tempo, mas se descontrola no segundo e é derrotada de virada, por 2 a 1, dando adeus à África do Sul”

Quando utiliza o adjetivo “seguro” para qualificar a exibição do Brasil no primeiro tempo, o *Globoesporte.com* faz, no subtítulo, uma construção subjetiva da realidade.

No pós-jogo, o site trabalha com fatos consumados, mas, como podemos ver, também lança mão de descrições subjetivas. Ainda assim, fica clara a tendência a asserções por evidência, como neste enunciado: “(O fato é que) a Seleção teve atuação segura no primeiro tempo [...]”. Na modalidade elocutiva de opinião-convicção, a frase poderia ser assim: “Temos certeza de que a Seleção teve atuação segura no primeiro tempo [...]”.

A atuação segura da Seleção Brasileira no primeiro tempo foi consensual. Entretanto, antes mesmo do primeiro parágrafo do texto, podemos notar o papel de protagonista atribuído ao Brasil, mesmo após uma derrota. A sensação é de que o jogo transcorreu de acordo com o comportamento do time de Dunga, como se a postura da Holanda não tivesse determinado, por exemplo, o “descontrole” brasileiro.

21) “A *seleção* dominou a Holanda, marcou seu gol (com Robinho) logo no início, criou lances *bonitos* e foi pouco ameaçada”

A descrição por qualificação subjetiva se apresenta na atribuição do adjetivo “bonito” em referência aos lances de ataque criados pela Seleção Brasileira no primeiro tempo contra a Holanda.

Novamente, vem à tona a asserção implícita por evidência, que poderia ser assim demonstrada: “(O fato é que) a seleção dominou a Holanda [...]”. Em comportamento elocutivo de opinião-convicção, sem o apagamento do sujeito, teríamos: “Não temos dúvidas: a seleção dominou a Holanda [...]”.

⁴² A Holanda venceu por 2 a 1, eliminando a Seleção Brasileira da Copa do Mundo na fase quartas-de-final. Os gols do jogo foram marcados por Robinho (Brasil, aos 10 minutos do primeiro tempo) e Wesley Sneijder (Holanda, aos oito e aos 22 minutos do segundo tempo).

A posição da Seleção Brasileira como sujeito ativo nos parece natural, pois foi o time que controlou o primeiro tempo. Em “lances bonitos”, por sua vez, verificamos o prosseguimento da linha de pensamento do site de atribuir “beleza” às combinações ofensivas do Brasil, mecanismo que ressalta a superioridade do país na produção dos chamados “craques”, bastante contestada por parte da crítica antes, durante e depois da Copa do Mundo.

22) “O *Brasil* falhou na defesa, seu setor *mais elogiado*, esteve acuado, quase não chegou ao ataque e demonstrou instabilidade emocional”

É bem verdade que, à época da Copa do Mundo, os elogios à defesa do Brasil eram uma espécie de senso comum, mas a colocação do adjetivo não deixa de caracterizar uma qualificação subjetiva. Notemos que se faz presente o discurso relatado por integração, sem que se revelasse a quem é atribuída a autoria dos elogios à Seleção Brasileira, justamente por se tratar de senso comum. Mesmo citando o desempenho ruim no segundo tempo, o site faz questão de destacar que o Brasil era um time sólido, caracterizando a associação entre o “jogo bonito” e a força na defesa.

23) “*Brasil* faz gol, marca *duro* e joga *bonito*”

A utilização das qualidades “duro” e “bonito” para qualificar o desempenho da Seleção Brasileira no primeiro tempo revela grau considerável de subjetividade. No segundo caso, atentemos para a expressão “joga bonito⁴³”, que faz clara referência ao “futebol-arte”, como por vezes é designado o tipo de jogo praticado pelo Brasil.

Verificamos, neste enunciado, uma asserção implícita por evidência. Reescrevendo a frase, que, na realidade, é um intertítulo do “pós-jogo”, podemos notar: “Brasil fez gol, (e é fato que) marcou duro e jogou bonito”. Na modalidade elocutiva de opinião-convicção, chegamos a esta construção: “Brasil fez gol, e estamos certos de que marcou duro e jogou bonito”.

Se a associação entre “jogo bonito” e “solidez” estava dispersa, implícita, em outros enunciados, no intertítulo sob o qual se discute o primeiro tempo do jogo ela é evidente. A soma desses fatores faz referência a uma constante tese sobre o futebol brasileiro: “se igualar

⁴³ “Joga Bonito” é como foi batizada uma série de peças publicitárias da fornecedora de material esportivo da Seleção Brasileira, a norte-americana Nike, que por vezes utilizou jogadores brasileiros (como Robinho, que aparece frequentemente nos textos que utilizamos para a análise) nesses comerciais.

na pegada, não tem para ninguém⁴⁴”. Essa linha de pensamento sugere que a Seleção Brasileira é tecnicamente superior a todas as outras, e sempre basta a ela demonstrar a mesma força de vontade dos adversários para vencê-los.

24) “No entanto, o estilo da Holanda, de não ir ao ataque desesperadamente, fez com que os contragolpes não viessem. Ainda assim, o *Brasil* produziu *belas jogadas*”

Ainda na narração / descrição sobre o primeiro tempo do jogo, encontramos a expressão “belas jogadas”, que determina uma visão subjetiva sobre as combinações ofensivas do Brasil.

Notamos no enunciado a presença de uma asserção por evidência, que, explícita, poderia ser assim escrita: “[...] Ainda assim, (é evidente que) o Brasil produziu belas jogadas”. Na modalidade elocutiva de opinião-convicção, a sentença poderia ser disposta desta forma: “Ainda assim, estamos certos de que o Brasil produziu belas jogadas”.

Em nova referência ao primeiro tempo de Brasil 1 x 2 Holanda, o *Globoesporte.com* volta a falar em “beleza” ao se referir às jogadas brasileiras. A notável insistência nesse pensamento revela uma possível estratégia do site de transmitir a ideia de que, apesar da derrota, a Seleção Brasileira realmente “jogou bonito” no primeiro tempo.

25) “A igualdade no placar desestabilizou o *Brasil*, que ficou *acuado* em seu campo e viu suas tentativas de ataque *esbarrar* em erros de passe”

O segundo tempo do jogo, ao contrário do primeiro, foi controlado pela Holanda. Assim, justifica-se o uso de “acuado” para qualificar a postura da Seleção Brasileira após sofrer o gol de empate.

O *Globoesporte.com* lança mão, desta vez, de uma asserção por constatação, que associa o gol de empate da Holanda à queda de rendimento do Brasil: “(É visível que) a igualdade no placar desestabilizou o Brasil [...]”. Em modalidade elocutiva de saber, o sujeito se revelaria assim: “Nós sabemos que a igualdade no placar desestabilizou o Brasil [...]”.

⁴⁴ Frase do goleiro Júlio César a 17 dias da estreia do Brasil na Copa do Mundo de 2010. A matéria, publicada pelo *Globoesporte.com*, está disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/05/confiante-julio-cesar-diz-se-igualar-na-pegada-nao-tem-para-ninguem.html>

Ao descrever o segundo tempo, o que determinou a eliminação da equipe treinada por Dunga, o *Globoesporte.com* segue a linha de pensamento que indica uma espécie de “auto-derrota” do Brasil. É como se a Seleção Brasileira tivesse perdido não por conta da melhora da Holanda, mas em função da própria queda de rendimento: os holandeses não venceram, foram os brasileiros quem perderam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises dos enunciados revelam fortes tendências de postura do site *Globoesporte.com* no ato de representação da Seleção Brasileira. A partir da associação dos enunciados às categorias que julgamos mais produtivas para a captação do juízo de valor do site, podemos identificar os principais efeitos de sentido⁴⁵ materializados pelos enunciados, que atendem às nossas hipóteses:

Otimismo / Exigência: o site manifesta confiança em relação à Seleção Brasileira e admite que qualquer cenário diferente do título seria um fracasso. Essa tendência aparece nos enunciados 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 15 e 19.

Otimismo / Presunção: o site manifesta confiança em relação à Seleção Brasileira e considera que esta ocupa um patamar muito elevado – por exemplo, o de melhor seleção do mundo ou o de favorita incontestada (ao título ou à vitória em um jogo). Neste caso, a Seleção Brasileira pode ser representada por um jogador, como Robinho, frequentemente citado nos textos. Essa postura se revela nos enunciados 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19

Orgulho da Seleção: o site relaciona a Seleção Brasileira ao povo, considerando-a um elemento importante para a construção da identidade nacional, ou simplesmente exalta a equipe de forma efusiva. Ainda que às vezes indiretamente, esse sentimento está presente nos enunciados 3, 4, 6, 7, 11, 12, 14 e 23.

Desprezo pelo adversário: o site considera que a Seleção Brasileira é a “favorita” e/ou atribui, de alguma forma, inferioridade ao oponente do Brasil. Podemos verificar esse teor nos enunciados 6, 9, 10, 14, 15, 16 e 18.

Negação do mérito do adversário: quando o oponente supera a Seleção Brasileira, o site demonstra restrições quanto a admitir que o resultado não foi fruto simplesmente das falhas cometidas pelo Brasil. Em síntese, trata-se da ideia de que “o Brasil perdeu” em vez de “o oponente ganhou”. Nos enunciados 20, 22 e 25, existe essa tendência.

Elogios à exibição da Seleção Brasileira: o site faz questão de exaltar as jogadas e a postura da Seleção Brasileira, ainda que esta tenha perdido o jogo. Considerações desse nível estão nos enunciados 21, 23 e 24.

⁴⁵ “Dado que o discurso é um lugar do observável e a língua, um lugar de reconstrução teórica que corresponde a um movimento natural do pensamento, os efeitos de sentido nada mais são do que o resultado dos valores atribuídos pelo discurso ao significado em língua” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 179)

A presença do efeito de sentido *otimismo / exigência* em nove dos 25 enunciados selecionados para a análise (36% do total) serve para ilustrar a insistência do *Globoesporte.com* em transmitir ao público uma mensagem de que a Seleção Brasileira reúne todas as condições para conseguir seus objetivos. Ao mesmo tempo, coloca-a em posição de superioridade em relação aos adversários, uma vez que parece exigir do Brasil, julgando que se trata do melhor conjunto de futebol do mundo, a conquista de algo importante: da liderança do grupo ao título mundial.

Quanto ao efeito de *otimismo / presunção*, sua ocorrência em 13 enunciados (52% do total) revela a tendência do site a previsões, rotulações e conclusões otimistas quanto à Seleção Brasileira. A seleção do que vai ser discutido, disposto no texto, é minuciosamente ponderada. Não se diz que Robinho está em má fase. Diz-se que ele marcou muitos gols contra o Chile. Não se elege outro critério além do controverso “ranking da FIFA” para definir qual a “melhor seleção do mundo”. Afinal, a classificação, que coloca o Brasil na terceira posição⁴⁶, à época da Copa do Mundo tinha a Seleção Brasileira na liderança.

O efeito de sentido *orgulho da Seleção*, ao aparecer em oito enunciados (32% do total), denota outra característica do *Globoesporte.com* no discurso de representação da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de 2010: a propensão a exaltar a equipe, associando-a ao povo, celebrando a forma como o time costuma jogar, ou vangloriando-se de viver no “país do futebol” e da “melhor seleção do mundo”.

O efeito de *desprezo pelo adversário* pode ser verificado em sete enunciados (28% do total). A partir dessas ocorrências, podemos dizer que o *Globoesporte.com* não se limita a exaltar a Seleção Brasileira. Afinal, as relações no âmbito do futebol, fundamentalmente competitivo, são válidas apenas quando comparamos “nosso” time aos outros. Nos enunciados que utilizamos na análise, essa noção de superioridade direta é sempre desenvolvida em relação aos jogos do Brasil na Copa do Mundo, o que cria um clima de otimismo para essas partidas ou para os confrontos seguintes.

Sobre os efeitos de *negação do mérito do adversário* e de *elogios à exibição da Seleção Brasileira*, é preciso lembrar que, somados, eles ficam restritos a seis enunciados, exatamente os referentes ao texto “pós-jogo” de Brasil 1 x 2 Holanda.

A *negação do mérito do adversário*, que se deixa transparecer em três enunciados (50%, considerando apenas o “pós-jogo”), é um efeito de sentido utilizado de forma implícita.

⁴⁶ Classificação divulgada em 20 de outubro de 2010.

Com o Brasil – não a Holanda – em primeiro plano, o site muito fala dos erros da Seleção Brasileira, deixando de lado os méritos dos europeus, vitoriosos na partida das quartas-de-final. Esse raciocínio parece fruto da premissa de que o Brasil é tão bom, que “não pode ser vencido”. Quando sai derrotado, é porque “perdeu para ele mesmo”.

Já a lógica de *elogios à exibição da Seleção Brasileira*, que também surge em três enunciados (50%, considerando apenas o “pós-jogo”), integra a noção de otimismo habitualmente disposta nos textos do *Globoesporte.com*. No caso da derrota na Copa do Mundo, a escolha de falar várias vezes sobre o desempenho do Brasil no primeiro tempo – quando a Holanda foi dominada – soa como uma visão positiva do jogo em relação à seleção treinada por Dunga. Além disso, esses elogios visam a confirmar representações, como a solidez e o “jogo bonito” atribuídos à Seleção Brasileira.

É interessante percebermos como, mesmo limitado pelas coerções da internet, o *Globoesporte.com* não se inibiu ao recorrer a esses efeitos de sentido. Em certos momentos, o site não hesitou em prescindir da suposta “objetividade” (no sentido de se limitar a divulgar as informações necessárias), recomendável ao suporte, em benefício de construções mais ousadas, como as qualificações subjetivas que justificaram as análises dos enunciados.

Assim, não importa como esteja a Seleção Brasileira, os textos são muito parecidos. É evidente que fatos determinam as estratégias discursivas, o jeito de se escrever. Entretanto, as ideias preconcebidas – como a premissa de que a Seleção Brasileira é “a melhor do mundo” – e o aparentemente imutável desejo de transmitir essa noção de superioridade, a exata oposição ao “complexo de vira-latas” que afligia os brasileiros em outros âmbitos, fazem com que os efeitos de sentido aqui explicitados sejam recorrentes.

Levando em conta a maciça presença dessas ideias preconcebidas, que atribuem uniformidade à cobertura do desempenho da Seleção Brasileira em uma Copa do Mundo, consideramos que o vínculo emocional com o país pode interferir categoricamente no tipo de jornalismo praticado. Jornalismo que evidencia a arbitrária associação entre “patriotismo” e “torcida pela seleção nacional”. Não é totalmente falho, repleto de mentiras. É apenas dirigido por escolhas, como qualquer outro. Definitivamente, não assume uma postura fundamentalmente crítica, mas se posiciona pela exaltação incondicional da Seleção Brasileira, que não sofre nada além de mudanças sutis, de acordo com os acontecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J. M. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan, 1999. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CABO, Álvaro; HELAL, Ronaldo; MARQUES, Ronaldo Galvão. Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 13, p. 33-44, 2. sem. 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Trad. Ângela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009a.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Trad. Ângela Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009b.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANCO, Guillermo. **Como escrever para a web: elementos para a discussão e construção de manuais de redação online**. Trad. Marcelo Soares. Livro disponível em: <http://knightcenter.utexas.edu/como_web.php>.

GLOBOESPORTE.COM. Brasil busca liderança e caminho mais tranquilo contra Portugal. 24 jun. 2010. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/06/brasil-busca-lideranca-e-o-caminho-mais-tranquilo-contra-portugal.html>>. Acessado em 24 jun. 2010.

GLOBOESPORTE.COM. Brasil e Holanda confrontam ‘irmãos’ Robinho e Robben na luta pela semi. 01 jul. 2010. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/07/brasil-e-holanda-confrontam-irmaos-robinho-e-robben-na-luta-pela-semi.html>>. Acessado em 01 jul. 2010.

GLOBOESPORTE.COM. Brasil perde para a Holanda e é eliminado de novo nas quartas. 01 jul. 2010. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/jogo/copa2010/2010-07-02/holanda-brasil.html>>. Acessado em 01 jul. 2010.

GLOBOESPORTE.COM. Brasil x Chile coloca Bravo mais uma vez no caminho do carrasco Robinho. 28 jun. 2010. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/06/brasil-x-chile-coloca-bravo-mais-uma-vez-no-caminho-do-carrasco-robinho.html>>. Acessado em 28 jun. 2010.

GLOBOESPORTE.COM. Com orgulho bordado no peito, Brasil tenta vaga diante da Costa do Marfim. 20 jun. 2010. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/com-orgulho-bordado-no-peito-brasil-tenta-vaga-diante-da-costa-do-marfim.html>>. Acessado em 20 jun. 2010.

GLOBOESPORTE.COM. Em Joanesburgo, Brasil inicia corrida pelo ouro contra a Coreia do Norte. 15 jun. 2010. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/em-joanesburgo-brasil-inicia-corrida-pelo-ouro-contra-coreia-do-norte.html>>. Acessado em 15 jun. 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos da comunicação**. 2.ed. Trad. Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, José Carlos. A Copa do Mundo é sempre nossa (A desvalorização do elemento estrangeiro e a afirmação da brasilidade por meio dos cronistas de futebol). **UNirevista**, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p. 01-17, jul. 2006.

PECENIN, Marcelo Fila. Discurso, futebol e identidade nacional na Copa de 1998. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 01-19, jul. 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VALE, R. P. G. *Almanaques farmacêuticos: gênero ou suporte?* 2007. 69f. Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) – UFV, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras, Viçosa.

VALE, R. P. G. *A mulher nas piadas de almanaque: estratégias discursivas e representações sociais*. 2009. 135f. Dissertação de mestrado – UFMG, Faculdade de Letras, Belo Horizonte.

ANEXOS

1. Quadro com informações básicas sobre Brasil x Coreia do Norte:



BRASIL X **COREIA DO NORTE**

Escalação

1	Julio Cesar
2	Maicon
3	Lúcio
4	Juan
6	Michel Bastos
8	Gilberto Silva
5	Felipe Melo
7	Elano
10	Kaká
11	Robinho
9	Luis Fabiano

Técnico
Dunga

15h30m (de Brasília)
Estádio Ellis Park (Joanesburgo)

Histórico do confronto

As duas equipes nunca se enfrentaram em partidas de torneios organizados pela Fifa.




TV Globo e SporTV transmitem o jogo ao vivo.
Globoesporte.com transmite e acompanha em Tempo Real.

Escalação

1	Ri Myong Guk
2	Cha Jong Hyok
13	Pak Chol Jin
3	Ri Jun Il
5	Ri Kwang Chon
16	Nam Song Chol
23	Pak Sung Hyok
15	Kim Yong Jun
11	Mun In Guk
10	Hong Yong Jo
9	Jong Tae Se

Técnico
Kim Jong Hun





Árbitro
Viktor Kassai (HUN)

Assistentes
Gabor Eros(HUN)
e Tibor Vamos (HUN)

Em alta



Robinho - Destaque nos treinamentos, amistosos e um dos artilheiros de Dunga.

Em alta



Jong Tae Se - Chamado de "Rooney da Coreia do Norte", joga no Japão e fez 16 gols em 24 partidas pela seleção.

Fique de olho



Kaká- Recuperado fisicamente de lesão, ele é o principal armador da seleção.

Fique de olho



Hong Yong Jo - Camisa 10, tem 22 gols em 66 jogos pela seleção e é chamado de "menino de ouro".

Em baixa



Felipe Melo - Não vem jogando bem na Itália e na seleção, mas conta com a confiança do treinador.

Em baixa



Kim Myong Won - Só poderá entrar em campo para jogar no gol, avisou a Fifa. É Praticamente um turista na África do Sul.

2. Imagens parcial das páginas em que se encontram os textos analisados:

2.1 Pré-jogo de Brasil x Coreia do Norte:

Em Joanesburgo, Brasil inicia corrida pelo ouro contra a Coreia do Norte

Em busca do hexa, seleção estreia na Copa do Mundo da África do Sul às 15h30m desta terça-feira contra adversário misterioso

Por Daniel Lessa e Rafael Pirrão
Direto de Joanesburgo, África do Sul

Imprimir

Se para europeus e norte-americanos a corrida ao ouro em solo sul-africano começou em 1886, para os brasileiros é hoje o dia. Surgida após a descoberta do metal precioso no fim do século XIX, Joanesburgo é o terreno onde a seleção brasileira iniciará sua luta pelo troféu mais cobiçado do futebol mundial: a taça da Copa do Mundo.

O Brasil dá o pontapé inicial para recuperar a taça mais valiosa do futebol mundial contra a misteriosa Coreia do Norte às 15h30m (20h30m no horário sul-africano) no estádio Ellis Park, em Joanesburgo.

	X																																												
BRASIL		COREIA DO NORTE																																											
15h30m (de Brasília) Estádio Ellis Park (Joanesburgo)																																													
Histórico do confronto As duas equipes nunca se enfrentaram em partidas de torneios organizados pela Fifa.																																													
Escalção <table border="1"> <tr><td>1</td><td>Julio Cesar</td></tr> <tr><td>2</td><td>Maicon</td></tr> <tr><td>3</td><td>Lúcio</td></tr> <tr><td>4</td><td>Juan</td></tr> <tr><td>6</td><td>Michel Bastos</td></tr> <tr><td>8</td><td>Gilberto Silva</td></tr> <tr><td>5</td><td>Felipe Melo</td></tr> <tr><td>7</td><td>Elano</td></tr> <tr><td>10</td><td>Kaka</td></tr> <tr><td>11</td><td>Robinho</td></tr> <tr><td>9</td><td>Luis Fabiano</td></tr> </table> Técnico Dunga	1	Julio Cesar	2	Maicon	3	Lúcio	4	Juan	6	Michel Bastos	8	Gilberto Silva	5	Felipe Melo	7	Elano	10	Kaka	11	Robinho	9	Luis Fabiano	Escalção <table border="1"> <tr><td>1</td><td>Ri Myong Guk</td></tr> <tr><td>2</td><td>Cha Jong Hyok</td></tr> <tr><td>13</td><td>Pak Chol Jin</td></tr> <tr><td>3</td><td>Ri Jun Il</td></tr> <tr><td>5</td><td>Ri Kwang Chon</td></tr> <tr><td>16</td><td>Nam Song Chal</td></tr> <tr><td>23</td><td>Pak Sung Hyok</td></tr> <tr><td>15</td><td>Kim Yong Jun</td></tr> <tr><td>11</td><td>Mun In Guk</td></tr> <tr><td>10</td><td>Hong Yong Jo</td></tr> <tr><td>9</td><td>Jong Tae Se</td></tr> </table> Técnico Kim Jong Hun	1	Ri Myong Guk	2	Cha Jong Hyok	13	Pak Chol Jin	3	Ri Jun Il	5	Ri Kwang Chon	16	Nam Song Chal	23	Pak Sung Hyok	15	Kim Yong Jun	11	Mun In Guk	10	Hong Yong Jo	9	Jong Tae Se
1	Julio Cesar																																												
2	Maicon																																												
3	Lúcio																																												
4	Juan																																												
6	Michel Bastos																																												
8	Gilberto Silva																																												
5	Felipe Melo																																												
7	Elano																																												
10	Kaka																																												
11	Robinho																																												
9	Luis Fabiano																																												
1	Ri Myong Guk																																												
2	Cha Jong Hyok																																												
13	Pak Chol Jin																																												
3	Ri Jun Il																																												
5	Ri Kwang Chon																																												
16	Nam Song Chal																																												
23	Pak Sung Hyok																																												
15	Kim Yong Jun																																												
11	Mun In Guk																																												
10	Hong Yong Jo																																												
9	Jong Tae Se																																												

2.2 Pré-jogo de Brasil x Costa do Marfim:

Com orgulho bordado no peito, Brasil tenta vaga diante da Costa do Marfim

Vitória sobre os africanos garante a seleção nas oitavas de final da Copa do Mundo. Drogba e Gilberto Silva estão escalados para o confronto

Por Márcio Iannacca, Thiago Correia e Thiago Lavinias
Direto de Joanesburgo, África do Sul

Imprimir



Escudo dos uniformes do Brasil e da Costa do Marfim (Foto: Montagem sobre foto de Divulgação)

Orgulho e amor. Este é o lema que os jogadores da seleção carregam no peito nesta Copa do Mundo. Está oculto. Atrás do escudo da CBF na camisa canarinho. Orgulho de ser brasileiro e amor pelo futebol. Neste domingo, às 15h30m (de Brasília), no Estádio Soccer City, em Joanesburgo, o Brasil vai colocar os dois sentimentos à prova contra um país que também carrega a sua história no uniforme. A Costa do Marfim, conhecida por seus elefantes africanos, com suas presas valiosas, leva o seu orgulho nacional na altura do coração.

Se vencer, o Brasil conseguirá por antecipação a sua vaga, no mínimo como segundo colocado. Chegará a seis pontos e não poderia mais ser alcançado pela Costa do Marfim (um ponto) e pelo perdedor do jogo desta segunda-feira entre Coreia do Norte e Portugal - ou por ambos, em caso de empate.

2.3 Pré-jogo de Brasil x Portugal:

Brasil busca a liderança e o caminho mais tranquilo contra Portugal

Primeiro lugar no Grupo G evita confronto contra elite do futebol até a final da Copa do Mundo. Sem Kaká, seleção joga pelo empate

Por GLOBOESPORTE.COM
Direto de Durban, África do Sul

imprimir



Kaká brinca com crianças durante o último treino antes do jogo contra Portugal (Foto: CBF)

Um caminho mais tranquilo pela frente na Copa do Mundo, sem encontrar nenhuma das equipes poderosas (Argentina, Alemanha ou Inglaterra) até a final. É o que a seleção busca com o primeiro lugar no Grupo G. E um empate diante de Portugal, nesta sexta-feira, às 11h (de Brasília), no Estádio Moses Mabhida, em Durban, é o suficiente para manter a liderança. Com seis pontos, o Brasil já assegurou a vaga para as oitavas de final. Os portugueses estão quase lá também, com quatro. A classificação para a próxima fase só escapa em caso de uma derrota associada a uma vitória da Costa do Marfim sobre a Coreia do Norte e, se na

combinação dos resultados, os africanos conseguirem tirar a grande diferença que existe no saldo de gols (7 de Portugal contra -2 da Costa do Marfim).

2.4 Pré-jogo de Brasil x Chile:

Brasil x Chile coloca Bravo mais uma vez no caminho do carrasco Robinho

Atacante da seleção brasileira já marcou sete gols no goleiro chileno, terceiro mais vazado da história. Jogo vale pelas oitavas de final da Copa

Por Leandro Canônico, Márcio Iannacca e Thiago Lavinas
Direto de Joanesburgo, África do Sul

imprimir



Robinho em ação pela seleção (Foto: Getty Images)

Bravo. O goleiro do Chile tem nome de colocar medo nos adversários, mas não na seleção brasileira. É claro que o discurso de respeito predomina no lado verde e amarelo, mas o retrospecto do duelo mostra que o Brasil é o favorito nas oitavas de final da Copa do Mundo, nesta segunda-feira, às 20h30m (15h30m de Brasília), no estádio Ellis Park, em Joanesburgo. Até porque terá Robinho no ataque.

Está aí, aliás, um nome que bota medo. Especialmente em Claudio Bravo, goleiro e capitão da seleção chilena. Nos últimos cinco

jogos que fez contra o Brasil, ele sofreu sete gols de Robinho. Por sinal, se fizer mais um gol contra o rival sul-americano, o atacante do Santos se torna, ao lado de Pelé, o maior carrasco brasileiro dos chilenos. O jogador, porém, prefere não dar tanta bola para estatísticas.

2.5 Pré-jogo de Brasil x Holanda

01/07/2010 22h58 - Atualizado em 02/07/2010 09h20

Brasil e Holanda confrontam 'irmãos' Robinho e Robben na luta pela semi

Destaques das seleções na Copa do Mundo de 2010, atacantes têm estilos parecidos e quase nasceram no mesmo dia. Quem ganha o duelo?

Por GLOBOESPORTE.COM
Direto de Porto Elizabeth, África do Sul

imprimir


Nomes e estilos parecidos, mesmo número de camisa (11) e por muito pouco quase o mesmo dia de nascimento. Quando Robinho veio ao mundo, em 25 de janeiro de 1984, Robben tinha apenas dois dias de vida. O brasileiro é natural de São Vicente, no litoral de São Paulo, enquanto o holandês é de Bedum, cidade do norte do país, próxima à fronteira com a Alemanha. Os dois têm em comum o dom do drible. Qualidade que será colocada à prova nesta sexta-feira, às 11h (de Brasília), no duelo entre Brasil e Holanda, em Porto Elizabeth, pelas quartas de final da Copa do Mundo. A TV Globo, o SporTV e o GLOBOESPORTE.COM transmitem o jogo ao vivo.

- É só pegar os últimos jogos do Robben pelo Bayern de Munique, na Liga dos Campeões: ele foi decisivo – alertou o técnico Dunga, da seleção brasileira.

2.6 Pós-jogo de Brasil 1 x 2 Holanda:


Brasil perde para a Holanda e é eliminado de novo nas quartas


Seleção tem atuação segura no primeiro tempo, mas se descontrola no segundo e é derrotada de virada, por 2 a 1, dando adeus à África do Sul



★ ★ ★ ★ ★ + dê sua nota

- 

Julio César fala sobre a eliminação do Brasil da Copa do Mundo 2010
- 

Os gols de Holanda 2 x 1 Brasil pelas quartas de final da Copa do Mundo de 2010
- 

Kaká arranca mas é cortado na hora da finalização, aos 40 do 2º tempo
- 

Gilberto chuta e Stekelenburg faz a defesa, aos 35 do 2º tempo

3. Textos utilizados na análise (os enunciados analisados aparecem em negrito):

3.1 Pré-jogo de Brasil x Coreia do Norte:

Em Joanesburgo, Brasil inicia corrida pelo ouro contra a Coreia do Norte

Em busca do hexa, seleção estreia na Copa do Mundo da África do Sul às 15h30m desta terça-feira contra adversário misterioso

Se para europeus e norte-americanos a corrida ao ouro em solo sul-africano começou em 1886, para os brasileiros é hoje o dia. **Surgida após a descoberta do metal precioso no fim do século XIX, Joanesburgo é o terreno onde a seleção brasileira iniciará sua luta pelo troféu mais cobiçado do futebol mundial: a taça da Copa do Mundo.**

O Brasil dá o pontapé inicial para recuperar a taça mais valiosa do futebol mundial contra a misteriosa Coreia do Norte às 15h30m (20h30m no horário sul-africano) no estádio Ellis Park, em Joanesburgo.

São cinco quilos de ouro 18 quilates cobiçados por 32 seleções. Mas, ao contrário dos estrangeiros que desembarcaram no local há 124 anos em busca de recompensa financeira, o time de Dunga está interessado apenas no valor simbólico do troféu. **Para o Brasil, a conquista significará a coroação do melhor futebol mundial pela sexta vez, a manutenção da hegemonia no reino da bola.** Nada melhor do que tirar o objeto da Itália, atual campeã, com quatro conquistas, e a única que ameaça o domínio verde-amarelo.

O solo africano tem sido generoso com o Brasil. Na África do Sul, a seleção jogou sete vezes e ganhou todas. No ano passado, a equipe conquistou a Copa das Confederações com uma virada marcante sobre os EUA: venceu por 3 a 2 após sofrer o 2 a 0. Além disso, levando em conta todo o continente africano, a seleção também tem retrospecto 100%: 18 vitórias em igual número de partidas.

Sem problemas médicos para a estreia, Dunga escalará o que considera sua força máxima para o confronto contra os norte-coreanos. Apesar de não haver surpresa, há uma curiosidade: o Brasil estreia com um time que jamais atuou junto. Como Michel Bastos ganhou a vaga no apagar das luzes, será a primeira vez, oficialmente, que esses 11 jogadores formarão uma equipe.

Porém, nem todos estarão 100% fisicamente. Kaká, que se recuperou recentemente de uma lesão na coxa esquerda, está confirmado e é a principal força ofensiva no meio-campo. Mas ele mesmo admite que não sabe quanto tempo vai resistir.

- Não sei quanto tempo vou aguentar. Espero ficar até o fim. Mas chego muito bem, fiz tudo o que podia para estar pronto para a estreia.

Julio Cesar, que machucou as costas no amistoso contra o Zimbábue, no último dia 2, está confirmado. E disposto a provar que seu problema não é tão grave, apesar de ter perdido alguns dias de treino para cuidar da contusão

.- O que ocorreu contra o Zimbábue não foi nada grave. Eu sabia que teria condições de atuar na estreia da seleção. Estou 100%.

Para Dunga, é o momento de pôr a prova todo seu trabalho. Contratado após o fiasco na Copa da Alemanha, em 2006, ele foi chamado para mudar a imagem da seleção, que ficou associada à falta de comprometimento de alguns craques e ao carnaval na preparação em Weggis, na Suíça.

O treinador sabe que tudo que conquistou (Copa América, Copa das Confederações e primeiro lugar nas eliminatórias para o Mundial) de nada valerá em caso de fracasso.

- Agora é a hora da verdade. O que mais chama atenção é que o que aconteceu nas eliminatórias conta pouco. A Alemanha, tão criticada, fez quatro gols ontem. Quem tiver equilíbrio vai apresentar um bom futebol. O Japão também era cobrado, foi lá e ganhou (vitória por 1 a 0 sobre Camarões).

Coreia do Norte: um adversário fechado de todas as maneiras

Sobre o rival, uma análise muito breve.

- Esperamos um time compacto. Eles têm três jogadores que atuam fora do país, o que os ajuda bastante. É um time que joga fechado e sai em velocidade. Nós vamos ter que achar uma forma de superar isso.

O comandante brasileiro tem razão. A Coreia do Norte é tão fechada que pouco se sabe de seu time. Os treinos na África do Sul só contavam com a presença da imprensa nos 15 primeiros minutos, mesmo assim por ser uma exigência da Fifa.

Mas, apesar de ser um confronto entre a melhor e a pior seleção da Copa, de acordo com o ranking da Fifa (o Brasil lidera a lista, com os norte-coreanos em 105º), o treinador Kim Jong Hun aposta na concentração de seus jogadores. E ele não teve preocupação em manter a boca fechada: para ele, sua equipe pode surpreender.

- O Brasil é favorito, mas no poder mental nós podemos equilibrar o jogo e até ganhar. Meus jogadores não devem nada a nenhuma equipe do mundo, garanto que poderiam estar no futebol europeu porque têm a mesma capacidade dos outros - destaca Hun.

Apesar de ser uma ditadura socialista, o futebol norte-coreano já tem mostras de globalização: três jogadores atuam fora do país. O camisa 10, Hong Yong Jo, é do modesto FK Rostov, da terceira divisão russa. Outros dois atuam no futebol japonês, incluindo o centroavante Jong Tae Se, chamado de "Rooney da Coreia do Norte".

Com 16 gols em 24 partidas, ele é a grande esperança de gols da seleção. Uma das poucas, aliás, de um time que se mostrou muito defensivo em seus amistosos preparatórios. Longe de sonhar com o ouro, nas costas do camisa 9 está o peso de levar o país à segunda fase da Copa do Mundo depois de 44 anos.

Jong Tae Se assume a responsabilidade e promete três gols na primeira fase do Mundial.

- Nós podemos vencer o Brasil. Será um jogo muito difícil, mas temos um coração valente e um espírito forte. Corações valentes fazem milagres - aposta o atacante.

3.2 Pré-jogo de Brasil x Costa do Marfim:

Com orgulho bordado no peito, Brasil tenta vaga diante da Costa do Marfim

Vitória sobre os africanos garante a seleção nas oitavas de final da Copa do Mundo. Drogba e Gilberto Silva estão escalados para o confronto

Orgulho e amor. Este é o lema que os jogadores da seleção carregam no peito nesta Copa do Mundo. Está oculto. Atrás do escudo da CBF na camisa canarinho. Orgulho de ser brasileiro e amor pelo futebol. Neste domingo, às 15h30m (de Brasília), no Estádio Soccer City, em Joanesburgo, o Brasil vai colocar os dois sentimentos à prova contra um país que também carrega a sua história no uniforme. A Costa do Marfim, conhecida por seus elefantes africanos, com suas presas valiosas, leva o seu orgulho nacional na altura do coração.

Se vencer, o Brasil conseguirá por antecipação a sua vaga, no mínimo como segundo colocado. Chegaria a seis pontos e não poderia mais ser alcançado pela Costa do Marfim (um ponto) e pelo perdedor do jogo desta segunda-feira entre Coreia do Norte e Portugal - ou por ambos, em caso de empate.

O país africano ganhou fama internacional pela caça indiscriminada dos animais. Tudo para a extração das presas, que continham uma alta quantidade de marfim, matéria-prima na produção de jóias, bolas de bilhar, teclas de piano e objetos de decoração. Só no continente da Copa de 2010, mais de 600 mil elefantes foram mortos nos últimos 40 anos. Com a proibição da comercialização do produto, em 1989, o valor aumentou de US\$ 100 (R\$ 177) para US\$ 1.800 (R\$ 3,2 mil) no mercado negro.

A Costa do Marfim quer apagar essa história através da bola. E o homem responsável pelo sucesso recente do país no futebol atende por Didier Drogba, atacante do Chelsea, da Inglaterra, e joia rara da terra dos elefantes. O jogador é a 20ª maior transação de todos os tempos no esporte. Ele deixou o Olympique, da França, para o Chelsea por € 36 milhões (R\$ 79 milhões). O goleador é a arma do técnico Sven-Goran Eriksson para tentar superar a seleção brasileira, que precisa de uma vitória para alcançar as oitavas de final do Mundial.

- A Costa do Marfim há 15 anos tinha um ou dois jogadores na Europa. Atualmente, eles têm sido praticamente criados na Europa. Todo mundo tem conhecimento de sistema de treinamento, de formação. O futebol foi se equiparando com o passar do tempo. Na minha época, o jogador chegava no profissional aos 23 anos e a exceção era com 18 anos. Com o passar do tempo, essa idade está reduzindo - analisou o técnico Dunga.

Dos 23 convocados por Eriksson para a Copa do Mundo, apenas o goleiro reserva Yeboah atua na Costa do Marfim. Na seleção brasileira, o número sobe para três. O lateral-esquerdo Gilberto, do Cruzeiro, o volante Kleberson, do Flamengo, e o atacante Robinho, do Santos, disputam o campeonato nacional. Os outros 20 atletas estão no futebol europeu.

O objetivo das duas seleções também é bem diferente. Enquanto os brasileiros entram em campo com a pressão de conquistar o hexacampeonato, os marfinenses têm o sonho apenas de chegar à próxima fase da Copa do Mundo.

- O Brasil tem sempre a pressão de conquistar os títulos. Não é diferente nesta Copa do Mundo. O nosso objetivo é chegar à próxima fase, já será uma grande conquista - afirmou Eriksson.

Para o jogo deste domingo, Eriksson poderá contar com Drogba, recuperado de uma fratura no braço direito. O atacante chegou a atuar por alguns minutos no empate por 0 a 0 com Portugal. No entanto, diante dos brasileiros, o artilheiro entrará em campo com mais confiança.

Do lado brasileiro, o volante Gilberto Silva treinou no último sábado e deve atuar normalmente diante da Costa do Marfim. Caso não possa contar com o jogador, o técnico Dunga vai escalar Josué em seu lugar. O treinador negou que o atleta tenha sentido um problema no tornozelo na atividade de sexta-feira.

- Ele treinou normalmente como todos viram - afirmou o treinador.

Resta saber quem levará a melhor neste domingo, no Soccer City. O orgulho e o amor brasileiro ou os "elefantes" da Costa do Marfim.

3.3 Pré-jogo de Brasil x Portugal:

Brasil busca a liderança e o caminho mais tranquilo contra Portugal

Primeiro lugar no Grupo G evita confronto contra elite do futebol até a final da Copa do Mundo. Sem Kaká, seleção joga pelo empate

Um caminho mais tranquilo pela frente na Copa do Mundo, sem encontrar nenhuma das equipes poderosas (Argentina, Alemanha ou Inglaterra) até a final. É o que a seleção busca com o primeiro lugar no Grupo G. E um empate diante de Portugal, nesta sexta-feira, às 11h (de Brasília), no Estádio Moses Mabhida, em Durban, é o suficiente para manter a liderança. Com seis pontos, o Brasil já assegurou a vaga para as oitavas de final. Os portugueses estão quase lá também, com quatro. A classificação para a próxima fase só escapa em caso de uma derrota associada a uma vitória da Costa do Marfim sobre a Coreia do Norte e, se na combinação dos resultados, os africanos conseguirem tirar a grande diferença que existe no saldo de gols (7 de Portugal contra -2 da Costa do Marfim).

Com a definição dos outros grupos é possível fazer projeções. Apenas o adversário da seleção nas oitavas de final segue um mistério: Suíça, Espanha ou Chile brigam pelas duas vagas do Grupo H. Um dos três será o rival do Brasil. Se terminar em primeiro no Grupo G, a seleção vai encontrar uma chave, teoricamente, bem mais calma até a final. O adversário nas quartas de final sairia do confronto entre Holanda e Eslováquia. Já na semifinal, o Brasil encontraria Uruguai, Coreia do Sul, Estados Unidos ou Gana.

Com uma derrota para Portugal e o segundo lugar no Grupo G, o cruzamento ficaria mais complicado até a final. Nas quartas, a seleção encararia o vencedor do duelo entre Paraguai e Japão. Já na semifinal, o Brasil poderia esbarrar com forças como Argentina, Alemanha, Inglaterra ou México.

Além disso, o primeiro lugar no grupo G faz a seleção se desgastar menos nos deslocamentos até a final da Copa do Mundo. O jogo das oitavas de final seria em Joanesburgo, no estádio Ellis Park. Depois, a partida das quartas de final seria em Port Elizabeth. De lá, a seleção viajaria direto para jogar a semifinal na Cidade do Cabo. E a decisão seria no Estádio Soccer City, em Joanesburgo. Já com o segundo lugar, o Brasil jogaria as oitavas de final na Cidade do Cabo. Depois, a seleção voltaria para Joanesburgo para disputar as quartas de final. A semifinal seria em Durban. E para a final nova viagem para Joanesburgo.

Desde o dia 4 de dezembro, quando foram sorteados os grupos da Copa do Mundo, o duelo entre Brasil e Portugal vem sendo apontado como o jogo mais esperado da primeira fase. As duas seleções vêm de grandes vitórias. A seleção bateu a Costa do Marfim por 3 a 1. E os portugueses simplesmente atropelaram a Coreia do Norte: 7 a 0.

A fase dos dois países não poderia ser melhor. O Brasil vem de oito vitórias consecutivas. Enquanto Portugal sustenta 18 partidas de invencibilidade – desde que perdeu justamente para o Brasil por 6 a 2, no dia 19 de novembro de 2008, no Distrito Federal.

O duelo, porém, vai ter ausências importantes. O Brasil não vai ter a principal estrela: Kaká. O camisa 10 foi expulso no fim da partida contra a Costa do Marfim e precisa cumprir a suspensão. Além disso, Elano também não joga por causa de uma pancada no tornozelo direito. Julio Baptista e Daniel Alves entram no time titular. Pelo lado português, a grande ausência é meia Deco, que se recupera de uma lesão. Mas Cristiano Ronaldo vai estar em campo.

- O Cristiano Ronaldo é um grande jogador, mas não pretendemos fazer marcação individual, porque todos eles merecem atenção. É mais uma partida complicada para o Brasil, como todas de Copa do Mundo. Nossa intenção é seguir crescendo jogo após jogo, como aconteceu em 2002. Tecnicamente, Portugal tem um talento comparável ao do Brasil - disse o capitão Lúcio.

Esquecer o passado e pensar no futuro

Faz um ano e meio. A seleção portuguesa, em momento de renovação, foi ao Brasil para ver do que era capaz, para perceber qual era seu verdadeiro status. E levou 6 a 2. Da goleada sofrida no Distrito Federal naquele 19 de novembro de 2008 à decisão de vaga nas oitavas de final da Copa do Mundo, nesta sexta-feira, muita coisa mudou para Portugal.

E para melhor. Invicta desde então, a seleção portuguesa tenta dar o troco agora, no jogo que realmente importa. A meta, ao pisar no gramado de Durban, é esquecer o passado e pensar no futuro.

- Aquele jogo teve circunstâncias especiais para a equipe portuguesa. Com o passado, construímos o futuro, mas não temos que pensar nisso. Passou muito tempo. Nesse momento, o conhecimento entre todos é completamente diferente do início do trabalho. Quando jogamos contra o Brasil, tínhamos nove ou dez dias de treino. Nesse momento, fizemos 25 jogos. É substancialmente diferente. Uma das diferenças marcantes é que Portugal, em 25 jogos, sofreu gols em apenas quatro. Isso é o resultado de um maior conhecimento dos jogadores, de um equilíbrio mais sólido. Agora, vai ser diferente. É um jogo de Copa do Mundo.

Deco não enfrenta o Brasil. O meio-campista, com dores lombares, está sendo preparado para as oitavas de final, caso Portugal avance. A equipe que massacrou a Coreia do Norte (7 a 0) pode ter mudanças para o duelo desta sexta-feira. Queiroz disse que são adversários muito diferentes. Na prática, ele estuda montar uma estrutura um pouco mais defensiva.

Por mais que só uma tragédia impensável elimine Portugal da Copa do Mundo (tem que perder o jogo e ver a Costa do Marfim tirar um saldo de nove gols para cair fora), a seleção lusa prefere ainda não se considerar dentro das oitavas de final. Por isso, Carlos Queiroz descartou preservar titulares com risco de suspensão, caso do astro Cristiano Ronaldo.

- Não temos que ter nenhuma recomendação ao Cristiano. Nenhuma. Ele tem que jogar como quando levou o cartão amarelo – afirmou o treinador.

3.4 Pré-jogo de Brasil x Chile:

Brasil x Chile coloca Bravo mais uma vez no caminho do carrasco Robinho

Atacante da seleção brasileira já marcou sete gols no goleiro chileno, terceiro mais vazado da história. Jogo vale pelas oitavas de final da Copa

Bravo. O goleiro do Chile tem nome de colocar medo nos adversários, mas não na seleção brasileira. É claro que o discurso de respeito predomina no lado verde e amarelo, mas o retrospecto do duelo mostra que o Brasil é o favorito nas oitavas de final da Copa do Mundo, nesta segunda-feira, às 20h30m (15h30m de Brasília), no estádio Ellis Park, em Joanesburgo. Até porque terá Robinho no ataque.

Está aí, aliás, um nome que bota medo. Especialmente em Claudio Bravo, goleiro e capitão da seleção chilena. Nos últimos cinco jogos que fez contra o Brasil, ele sofreu sete gols de Robinho. Por sinal, se fizer mais um gol contra o rival sul-americano, o atacante do Santos se torna, ao lado de Pelé, o maior carrasco brasileiro dos chilenos. O jogador, porém, prefere não dar tanta bola para estatísticas.

- Eu sempre tive sorte contra o Chile. Preparo-me igual para todos os jogos, mas tive a felicidade de fazer muitos gols contra eles. Cada jogo tem uma história, e espero que esta seja favorável. Se eu puder fazer gol, ótimo. Mas se não der e o Brasil se classificar, estará bom também – afirmou o camisa 11, que até agora não balançou as redes no Mundial. Só Luis Fabiano (2), Elano (2) e Maicon marcaram.

Voltando a Bravo, o capitão chileno é o terceiro goleiro que mais vezes sofreu gols da seleção brasileira na história. Foram 20 no total. Em números absolutos, ele só perde para o paraguaio Gato Fernandez (28) e para o uruguaio Roque Maspoli (27). Mas na média ele é o líder. São quatro gols por jogo. **O Chile, por sinal, tem sido o rival predileto da seleção brasileira na era Dunga.**

São cinco jogos e cinco vitórias, 20 gols marcados e apenas três sofridos. Começou com uma goleada de 4 a 0 em amistoso, na Suécia, em 2007. No mesmo ano, pela Copa América, dois confrontos: 3 a 0 na primeira fase e 6 a 1 nas quartas de final. Pelas eliminatórias da Copa do

Mundo, mais dois triunfos. Um por 3 a 0 em Santiago, no Chile, e outro de 4 a 2, em Salvador.

- A estatística não serve para nada. Temos de respeitar todos os adversários. Jogamos bem os últimos jogos e ganhamos por merecimento. Nossa próxima partida é contra o Chile e precisamos respeitar os adversários. Mas o Brasil vai para cima, como tem feito em todos os jogos – opinou Robinho.

Desfalques e retornos

Para as oitavas de final, o técnico Dunga poderá contar com um importante reforço: Kaká. O meia do Real Madrid está de volta à equipe titular depois de perder o jogo com Portugal por estar suspenso. Ele havia levado um cartão vermelho na vitória por 3 a 1 sobre a Costa do Marfim, na segunda rodada do Grupo G.

Assim, Julio Baptista, que o substituiu no empate com os lusitanos, volta ao banco de reservas, desde que tenha condições. Ele sofreu uma pancada no joelho esquerdo e pode desfalcar o grupo. Ele será reavaliado, mas provavelmente será poupado. O mesmo deve acontecer com Felipe Melo.

Segundo informações do repórter Tino Marcos, da TV Globo, o volante está fora da partida. No jogo com Portugal, ele sentiu uma pancada no tornozelo esquerdo, depois de uma entrada de Pepe. Nesse caso, o provável substituto seria Josué. Foi ele quem entrou no lugar de Felipe Melo ainda no primeiro tempo da última partida.

Outro que será avaliado, mas provavelmente estará de volta, é Elano. Recuperado de uma contusão no tornozelo direito, sofrida no duelo com a Costa do Marfim, ele deve ser escalado. Portanto, Daniel Alves voltará ao banco de reservas.

Problemas na zaga para Bielsa

Do lado do Chile, o técnico Marcelo Bielsa poderá contar com o retorno do volante Carmona e do meia Matías Fernandez. Por outro lado, os zagueiros Ponce e Medel são os desfalques da vez. Os dois estão suspensos. A boa notícia é a volta do centroavante Suazo, artilheiro das eliminatórias, com dez gols. Ele se recuperou de problemas no ombro e na coxa esquerda e entra no lugar do ex-palmeirense Valdivia.

Para recompor as duas baixas na zaga, o argentino Bielsa terá de improvisar. Vai escalar o lateral-esquerdo Jara ao lado de Contreras.

3.5 Pré-jogo de Brasil x Holanda:

Brasil e Holanda confrontam 'irmãos' Robinho e Robben na luta pela semi

Destaques das seleções na Copa do Mundo de 2010, atacantes têm estilos parecidos e quase nasceram no mesmo dia. Quem ganha o duelo?

Nomes e estilos parecidos, mesmo número de camisa (11) e por muito pouco quase o mesmo dia de nascimento. Quando Robinho veio ao mundo, em 25 de janeiro de 1984, Robben tinha apenas dois dias de vida. O brasileiro é natural de São Vicente, no litoral de São Paulo, enquanto o holandês é de Bedum, cidade do norte do país, próxima à fronteira com a Alemanha. Os dois têm em comum o dom do drible. Qualidade que será colocada à prova nesta sexta-feira, às 11h (de Brasília), no duelo entre Brasil e Holanda, em Porto Elizabeth, pelas quartas de final da Copa do Mundo. A TV Globo, o SporTV e o GLOBOESPORTE.COM transmitem o jogo ao vivo.

- É só pegar os últimos jogos do Robben pelo Bayern de Munique, na Liga dos Campeões: ele foi decisivo – alertou o técnico Dunga, da seleção brasileira.

Robinho, porém, também é decisivo. E Dunga sabe disso. Não à toa o atacante é quem mais jogou sob o comando do treinador, desde agosto de 2006. **Aliás, depois do empate por 0 a 0 com Portugal, na última rodada da fase de grupos, o técnico do Brasil lamentou não ter o Rei das Pedaladas, poupado de desconforto muscular. Até porque o time luso armou uma retranca para a equipe brasileira.**

- O que mais acrescentaria para o Brasil seria o Robinho, porque ele tem capacidade de driblar em espaço reduzido – falou Dunga à época.

Assim como Robinho, Robben, que foi campeão espanhol com o brasileiro em 2008, no Real Madrid, é uma das principais esperanças da Holanda nesta Copa do Mundo. Só que por ter chegado ao Mundial com uma lesão na coxa esquerda, o atacante do Bayern de Munique estreou apenas na última rodada da fase de grupos, na vitória por 2 a 1 sobre Camarões. Jogou por quase 20 minutos, mas esse tempo foi o suficiente para ele ser decisivo e participar do gol da vitória. Já nas oitavas, contra a Eslováquia, ele abriu o placar no triunfo por 2 a 1.

- A Holanda não é só o Robben, tem também outros jogadores importantes. Quando jogamos contra o Drogba (da Costa do Marfim) e contra o Cristiano Ronaldo (de Portugal), nós não fizemos marcação especial – falou Juan, um dos principais líderes do sistema defensivo da seleção brasileira.

Robinho, por sua vez, teve mais oportunidades de estar em campo nesta Copa do Mundo. Dos quatro jogos do Brasil até aqui, ele esteve em três. E foi decisivo em todos. Contra a Coreia do Norte, na estreia, ele deu o passe para o gol de Elano, no triunfo por 2 a 1. Depois, diante da Costa do Marfim, ele participou da jogada do primeiro gol, marcado por Luis Fabiano, após passe de Kaká. No jogo contra o Chile, ele repetiu isso e iniciou a jogada que terminou com gol do camisa 9 após passe da estrela Kaká e ainda deixou a sua marca na vitória por 3 a 0.

As semelhanças entre Robinho e Robben, no entanto, não estão apenas nas características e no poder de decisão. Estão também nos números. É claro que o jogador brasileiro teve mais participações e por isso as estatísticas são melhores, mas proporcionalmente, levando em conta os minutos e os quilômetros percorridos em campo, o desempenho de ambos é parecido (confira no infográfico).

Para o técnico holandês, Van Marwijk, o Brasil é o favorito ao título do Mundial. Mas ele não se arriscaria em uma troca de Robben e Sneijder por Robinho e Kaká.

- O Brasil tem grandes jogadores, mas eu não trocaria - respondeu Van Marwijk

Boa notícia no Brasil e mistério na Holanda

Para o duelo desta sexta-feira, contra a Holanda, Dunga esperava poder contar com o retorno de todos os jogadores machucados. Mas não será bem assim. Elano, com um edema ósseo no tornozelo direito, está fora pela terceira partida seguida e pode até não vir mais a jogar nesta Copa do Mundo, caso o Brasil se classifique. Assim, o lateral-direito Daniel Alves segue improvisado em seu lugar.

Por outro lado, o técnico verde e amarelo deve escalar novamente Felipe Melo como titular. O volante ficou fora das oitavas de final, contra o Chile, por conta de um problema no tornozelo esquerdo, sofrido no empate com Portugal, após entrada do luso-brasileiro Pepe. Nos últimos dois dias, ele treinou normalmente e deve aparecer no lugar de Ramires, suspenso por conta do segundo cartão amarelo.

Quem também parece estar bem e à disposição de Dunga para ficar no banco de reservas é o meia Julio Baptista. Recuperado de uma pancada no joelho esquerdo, o camisa 19 treinou normalmente.

Na Holanda, o técnico Van Marwijk não tem nenhum problema de ordem médica - Van der Vaart, que treinava separado por causa de dores na panturrilha esquerda treinou normalmente nesta sexta - para escalar a equipe que encara o Brasil. Mas ele não deu dicas sobre como deve ser o time, tanto que no último treinamento não mostrou nada taticamente em campo. Fez apenas um recreativo e treinou pênaltis um dia antes. Porém, ele está certo de que os seus jogadores estão preparados.

- Estamos, sem dúvida, prontos para a partida. O nosso padrão de jogo não vai mudar. Temos capacidade de jogar mais e queremos mostrar isso contra o Brasil. Vamos buscar um desempenho melhor para tentar ganhar – falou.

3.6 Pós-jogo de Brasil 1 x 2 Holanda:

Brasil perde para a Holanda e é eliminado de novo nas quartas

Seleção tem atuação segura no primeiro tempo, mas se descontrola no segundo e é derrotada de virada, por 2 a 1, dando adeus à África do Sul

Em toda a sua preparação e durante a Copa do Mundo na África do Sul, a seleção brasileira se esforçou em adotar uma filosofia diferente da utilizada em 2006. Por ironia, o resultado foi o mesmo: derrota para uma seleção europeia e eliminação nas quartas de final. No lugar da França, o alçoz foi a Holanda. E Sneijder tomou de Henry o posto de carrasco, participando do lance do primeiro gol e marcando o segundo na vitória por 2 a 1, de virada, nesta sexta-feira.

Foi ele o eleito o melhor em campo no estádio Nelson Mandela Bay, em votação popular no site da Fifa. Pelo primeiro tempo, ficou a impressão de que dificilmente o escolhido deixaria de ser um brasileiro. **A seleção dominou a Holanda, marcou seu gol (com Robinho) logo**

no início, criou lances bonitos e foi pouco ameaçada. A partida após o intervalo, no entanto, foi outra. **O Brasil falhou na defesa, seu setor mais elogiado, esteve acuado, quase não chegou ao ataque e demonstrou instabilidade emocional.** E viu mais um jogador seu ser expulso na competição, depois que Felipe Melo deu um pisão em Robben.

A eliminação em Porto Elizabeth representa um duro golpe na era Dunga como técnico. A seleção vinha acumulando bons resultados - como os títulos da Copa América e da Copa das Confederações, a primeira colocação nas eliminatórias e vitórias expressivas sobre adversários de peso - mas fracassou em sua principal missão, a conquista do hexacampeonato. Os brasileiros, que receberão a Copa de 2014, voltam para casa com uma campanha de três vitórias, um empate e uma derrota.

A Holanda, que acumulou seu quinto triunfo consecutivo na Copa e agora soma 24 partidas de invencibilidade, enfrentará o Uruguai na semifinal, em partida na próxima terça-feira, às 15h30m (de Brasília), na Cidade do Cabo. E se vinga das eliminações nas edições de 1994 e 1998, as duas últimas vezes em que havia cruzado com o Brasil em Mundiais.

Brasil faz gol, marca duro e joga bonito

Conhecidas pelo estilo bonito de jogar, as seleções de Brasil e Holanda deixaram o futebol de lado nos primeiros minutos. Luis Fabiano e Van Bommel se estranharam e foram repreendidos pelo árbitro. O holandês pareceu não se intimidar, já que em seguida discutiu com Robinho. Passado esse início nervoso, no entanto, os brasileiros perceberam que teriam espaço para jogar.

A primeira pista veio com passe de Maicon, que encontrou Daniel Alves livre, mas impedido, ainda que por pouco. Já Robinho se posicionou melhor e correu sozinho no meio da zaga laranja. Recebeu passe primoroso de Felipe Melo e chutou com estilo, sem dominar a bola, superando o goleiro. Com 1 a 0 no placar logo aos dez minutos, o Brasil pôde se planejar para atuar do jeito que mais gosta: marcando duro no campo defensivo e procurando os contra-ataques.

No entanto, o estilo da Holanda, de não ir ao ataque desesperadamente, fez com que os contragolpes não viessem. Ainda assim, o Brasil produziu belas jogadas. Numa delas, Daniel Alves deu dois cortes pela ponta e cruzou para Juan chutar por cima do gol. Na mais bonita, Robinho deixou para trás dois marcadores, Luis Fabiano deu passe de letra, e Kaká chutou bem ao seu estilo, com efeito, obrigando Stekelenburg a fazer excelente defesa.

Com uma muralha à sua frente, Julio Cesar pouco trabalhou no primeiro tempo: fez duas defesas seguras em chutes de Kuyt e Sneijder. E só. O craque Robben insistiu na sua jogada preferida, de carregar a bola pela direita e cortar para a esquerda, mas foi sempre bloqueado antes do chute. A Holanda tentou invadir o terreno brasileiro recorrendo até à malandragem. Em cobrança de escanteio, Robben deu um leve toque na bola e correu para a área. Mas Daniel Alves, atento, chegou antes de qualquer adversário.

Após 19 faltas, o primeiro tempo terminou com mais uma boa jogada da seleção, em que Kaká - até então mais participativo do que em outros jogos - inverteu um lance da esquerda para a direita. Maicon chutou para defesa do goleiro.

Brasil leva gols, falha na marcação e se descontrola

Tão segura nos 45 minutos iniciais, a equipe começou vacilante na segunda etapa. Um lance displicente no primeiro minuto fez com que Felipe Melo levasse uma bronca de Lúcio. Sete minutos depois, o Brasil sofreu o empate num lance que, até esta sexta-feira, era incomum na Copa: falha da zaga, e ainda por cima numa bola aérea. Julio Cesar e Felipe Melo se chocaram, e a bola cruzada por Sneijder desviou de leve no volante antes de entrar. Foi o primeiro gol contra do Brasil na história dos Mundiais.

A igualdade no placar desestabilizou o Brasil, que ficou acuado em seu campo e viu suas tentativas de ataque esbarrar em erros de passe. Só conseguiu concluir uma jogada aos 20 minutos, quando Kaká bateu colocado, mas sem muito perigo. A Holanda, que mostrou suas fragilidades no primeiro tempo, passou a explorar as do Brasil, recorrendo ao lado direito do ataque e fazendo Michel Bastos sofrer para marcar Robben. Preocupado com o seu lateral, que já havia recebido cartão amarelo, Dunga trocou-o por Gilberto aos 16 minutos.

Seis minutos depois, a Holanda conseguiu a virada. E em outra falha da defesa. Uma cobrança de escanteio encontrou Kuyt, que, posicionado na primeira trave, desviou a bola para trás. Sneijder, com seu 1,70m, cabeceou para a rede. Mais seis minutos, e a situação piorou. Felipe Melo fez falta e em seguida deu um pisão em Robben, recebendo cartão vermelho direto.

Dunga ainda substituiu Luis Fabiano por Nilmar, mas a troca de um atacante por outro pouco ajudou a seleção, que só conseguiu levar algum perigo aos holandeses em duas cobranças seguidas de escanteio. Aos 44 minutos, veio a tentativa derradeira. Daniel Alves teve uma cobrança de falta, mas a bola explodiu na barreira. Era o fim do sonho do hexacampeonato.